Centro de Educação a Distância
Universidade do Estado de Santa Catarina
Universidade Aberta do Brasil

Educação e Sexualidade

FLORIANÓPOLIS
CEAD/UDESC/UAB

Edição - Caderno Pedagógico

Sumário

Apresentação

Prezado/a estudante,

Você está recebendo o Caderno Pedagógico da disciplina de Educação e Sexualidade. Ele foi organizado, didaticamente, a partir da ementa e objetivos que constam no Projeto Pedagógico do seu Curso de Pedagogia a Distância da UDESC.

Este material foi elaborado com base na característica da modalidade de ensino que você optou para realizar o seu percurso formativo – o ensino a distância. É um recurso didático fundamental na realização de seus estudos; organiza os saberes e conteúdos de modo a que você possa estabelecer relações e construir conceitos e competências necessárias e fundamentais a sua formação.

Este Caderno, ao primar por uma linguagem dialogada, busca problematizar a realidade, aproximando a teoria e prática, a ciência e os conteúdos escolares, por meio do que se chama de transposição didática - que é o mecanismo de transformar o conhecimento científico em saber escolar a ser ensinado e aprendido.

Receba-o como mais um recurso para a sua aprendizagem, realize seus estudos de modo orientado e sistemático, dedicando um tempo diário à leitura. Anote e problematize o conteúdo com sua prática e com as demais disciplinas que irá cursar. Faça leituras complementares, conforme sugestões, e realize as atividades propostas.

Lembre-se de que na educação a distância muitos são os recursos e estratégias de ensino e aprendizagem, portanto use sua autonomia para avançar na construção de conhecimento, dedicando-se a cada disciplina com todo o esforço necessário.

Bons estudos!

Equipe CEAD\UDESC\UAB

Introdução

Convidamos você, educador/a a iniciar conosco uma jornada de reflexão crítica sobre “Educação e Sexualidade”, nome desta Disciplina e deste Caderno.

Será que existe realmente uma relação significativa entre educação e sexualidade? É o que procuraremos debater durante esta caminhada, já que a sexualidade, através dos tempos, foi e é termo sempre polêmico e, se aparece ligada à educação, torna-se mais polêmico ainda!

Perguntas que temos que fazer: por que estamos vivendo no Terceiro Milênio e a Pedagogia continua a ser vivenciada como se fosse assexuada? Quem deseduca sexualmente os/as educadores/as e para quê? Quem torna dóceis seus corpos, como diria Foucault? Qual realmente é o currículo oculto de educação sexual, ou deseducação sexual, existente nos sistemas educacionais? E cada um de nós, como age/reage frente a isso tudo? Quais são as marcas que trazemos e a história que estamos escrevendo em relação a essa dimensão em nossa vida?

Como já “disse” Nunes (1997, p.16), “a sexualidade é, de maneira privilegiada, o terreno híbrido entre o pessoal e o social, encruzilhada confusa onde se articulam o ser e o existir individual de cada um de nós”, seres inconclusos, porque humanos, em permanente processo de transformação.

O primeiro desafio que lhe propomos para que nossa caminhada seja profícua é que você esteja disposto/a a cumprir, em relação à temática “educação e sexualidade”, a receita que nos é sugerida por Fernando Pessoa: “isso exige um aprendizado profundo, uma aprendizagem de desaprender...”

É isso mesmo, estamos lhe fazendo um convite para estar aberto/a ao novo, a par de uma crítica consciente do já vivido pelos seres humanos de modo individual e coletivo.

Desaprender é uma palavra “mágica” que está estreitamente ligada ao aprender, numa visão dinâmica do processo.

Veja como Cecília Meireles (1979, p.141) captou e registrou essa idéia fundamental para quem se propõe a educar outros seres humanos: “hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem e que amanhã recomeçarei a aprender. Todos os dias desfaleço-me e desfaço-me em cinza efêmera: todos os dias reconstruo minhas edificações em sonhos eternos”.

Vamos tentar reconstruir nossas edificações em sonhos eternos em relação à questão “educação e sexualidade”?

O Ser-educador-presença em que você se constrói e é continuamente reconstruído/a é alvo do olhar de Paulo Freire para quem você certamente é

> Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, que compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade. (2000, p.112).

Bom trabalho e conte conosco!

Equipe Edusex.

Programando os estudos

Estudar a distância requer organização e disciplina; assim como estudos diários e programados para que você possa obter sucesso na sua caminhada acadêmica. Portanto, procure estar atento aos cronogramas do seu curso e disciplina para não perder nenhum prazo ou atividade, dos quais depende seu desempenho. As características mais evidenciadas na EAD são o estudo autônomo, a flexibilidade de horário e a organização pessoal. Faça sua própria organização e agende as atividades de estudo semanais.

Para o desenvolvimento desta Disciplina você possui a sua disposição um conjunto de elementos metodológicos que constituem o sistema de ensino, que são:

» Recursos materiais didáticos, entre eles o Caderno Pedagógico.

» O Ambiente Virtual de Aprendizagem.

» O Sistema de Avaliação: avaliações a distância, presenciais e de autoavaliação.

» O Sistema Tutorial: coordenadores, professores e tutores.

Ementa

Educação sexual no contexto da educação brasileira. Desenvolvimento, manifestações da sexualidade infantil e cotidiano escolar. Perspectivas contemporâneas de educação sexual. Educação sexual na educação básica.

Objetivos de Aprendizagem

Geral

Subsidiar a reflexão e estimular novas ações no processo de educação sexual sempre existente no cotidiano escolar numa perspectiva de direitos sexuais como direitos humanos.

Específicos

» Oportunizar a reflexão crítica e o debate sobre conceitos básicos em relação à sexualidade.

» Rever sintética e criticamente a história da sexualidade como importante expressão de construção sociocultural.

» Entender os direitos sexuais como direitos humanos fundamentais.

» Compreender a dimensão sexualidade, em suas diversas expressões, nas várias fases do desenvolvimento humano.

» Compreender o processo de educação sexual como parte inseparável do processo educacional da humanidade através de seus reflexos no cotidiano escolar.

Carga horária

54 horas

Anote as datas importantes das atividades na disciplina, conforme sua agenda de estudos.

DATA	ATIVIDADE	TIPO

Conteúdo da disciplina

Veja, a seguir, a organização didática da disciplina, distribuída em capítulos os quais são subdivididos em seções, com seus respectivos objetivos de aprendizagem. Leia-os com atenção, pois correspondem ao conteúdo que deve ser apropriado por você e faz parte do seu processo formativo.

Capítulos de Estudo: 3

Capítulo 1 - Neste capítulo, você compreenderá que somos todos seres sexuados no mundo, em permanente processo de educação, inclusive de educação sexual. Também convidamos você a perceber-se como ser sexuado e reconhecer que estamos em permanente processo de educação sexual, independentemente de idade, etnia, sexo, cultura, religião.

Capítulo 2 - Neste capítulo, você identificará os vários paradigmas de educação sexual existentes na sociedade atual e seus reflexos na educação brasileira por meio de várias vertentes pedagógicas. Também identificará alguns indicadores básicos do denominado paradigma emancipatório, conhecerá os direitos sexuais como direitos humanos universais e como expressão de uma vertente pedagógica mundial de educação sexual. Refletirá sobre a escola como um espaço possível para a vivência de uma educação sexual compreensiva e alguns indicadores básicos do referido paradigma em construção que se expressará ou já se expressa em vertentes pedagógicas.

Capítulo 3 - Neste capítulo, você irá compreender as manifestações da sexualidade infantil e adolescente como subsídio a uma ação pedagógica emancipatória. E será convidado a refletir sobre o direito à educação sexual compreensiva no espaço escolar.

Conversando sobre o seu processo de estudo

Passemos, agora, ao estudo dos capítulos. Conversando sobre o seu processo de estudo

Você já pensou que é parte importante de uma iniciativa pioneira em Santa Catarina e no Brasil? Seu nome está entrando para a história da educação brasileira como aluno/a do Curso de Pedagogia na modalidade a distância da UDESC.

Mas, essa modalidade de ensino-aprendizagem pressupõe um tipo diferente de estudar e aprender, como você já percebeu. Você é o maior responsável por seu programa de estudos, podendo livremente, com muito compromisso e responsabilidade, determinar o tempo, o local, enfim tudo o que for necessário para que o seu processo de aprendizagem ocorra e transcorra da melhor forma possível, pois você merece fazer um ótimo curso.

Para isso, contará sempre com o apoio do/a seu/sua tutor/a, do plantão pedagógico, dos/as professores/as das disciplinas no CEAD, da equipe que escreve e atualiza os materiais pedagógicos da UDESC VIRTUAL, bem como de todos os meios e recursos que já existem e os que estão sendo criados para apoiá-lo/a (webconferências, telefone, correio eletrônico, internet etc.).

O Caderno Pedagógico da disciplina é parte importantíssima desse processo. Foi organizado de maneira a procurar estimular o/a aluno/a a refletir sobre temáticas fundamentais para todas as pessoas, especialmente, para quem se propõe a educar outras pessoas.

Este Caderno trata especificamente de educação e sexualidade e foi organizado buscando desvelar a temática de uma maneira clara, sem preconceitos, baseada em conhecimentos científicos atualizados e nas mais recentes reflexões mundiais em torno da questão.

Cada capítulo e suas respectivas seções contêm textos e exercícios para provocar uma reflexão permanente sobre os paradigmas e as vertentes pedagógicas que estão embasando sua maneira de vivenciar a sexualidade. Os reflexos dessas vertentes, em sua prática pedagógica, também são abordados, bem como algumas das características e manifestações da sexualidade infantil e adolescente.

Procure dominar cada conteúdo apresentado, realizando todos os exercícios propostos em cada seção antes de seguir adiante. As leituras complementares e de aprofundamento sugeridas também são importantes. Você encontrará, ao longo do texto do Caderno, vários indicadores que poderão auxiliá-lo/a metodologicamente em seu local de trabalho, bastando, para isso, adequá-los a cada especificidade profissional no cotidiano educacional.

Incluímos, também, como anexos, algumas sugestões de títulos de livros, jogos, filmes e sites interessantes para auxiliá-lo/a a conhecer melhor a temática. Procure sempre ampliar essa lista. Temos um grande orgulho em tê-lo/la como aluno/a da UDESC, a Universidade dos catarinenses. Vamos lá, você pode, você é capaz!

Confiamos em você!

"Deveres de casa" a serem realizados até o final da disciplina

1. Leitura obrigatória de um livro que você encontrará especificado no Ambiente Virtual de Aprendizagem da disciplina. É um livro de leitura instigante e agradável. Sugerimos que seja feita a leitura de um capítulo por semana, no mínimo.

2. Ao final de cada leitura semanal, escreva um pequeno comentário registrando suas impressões. Esses textos poderão ser discutidos em grupo, com sua turma.

3. Ao final da leitura do livro e da disciplina, todas essas suas produções, juntas, acrescidas de um comentário conclusivo sobre as contribuições do livro ao seu entendimento da temática Educação e Sexualidade constituirão um dos trabalhos finais da disciplina.

4. Junto com o estudo do Caderno, essas reflexões servirão de base para o segundo trabalho final da disciplina: "Reflexões sobre as contribuições da disciplina Educação e Sexualidade à minha prática pedagógica", construído no gênero textual memorial descritivo individual com, no mínimo, três páginas.

5. Ambos os trabalhos deverão ser postados no AVA, no espaço indicado, nas datas preestabelecidas no cronograma da disciplina.

CAPÍTULO 1

Por que ainda ficamos inibidos diante do tema sexualidade?

Neste capítulo, você compreenderá que somos todos seres sexuados no mundo, em permanente processo de Educação, inclusive de educação sexual. Também convidamos você a perceber-se como ser sexuado e reconhecer que estamos em permanente processo de educação sexual, independentemente de idade, grupo étnico, sexo, cultura, religião.

CAPÍTULO 1

Por que ainda ficamos inibidos diante do tema sexualidade?

Objetivo geral de aprendizagem

Compreender que somos todos seres sexuados no mundo, em permanente processo de Educação, inclusive de educação sexual.

Seções de estudo

Seção 1 – Você é sexuado/a?

Seção 2 – Existe diferença entre sexo e sexualidade?

Iniciando o estudo do capítulo

Queremos conversar com você sobre um tema ainda muito polêmico e importante para todos, especialmente para quem trabalha educando outras pessoas: a questão da educação e sexualidade.

Para isso, temos de refletir sobre algo fundamental e que é o objetivo final deste capítulo: propiciar-lhe condições para compreender que somos todos seres sexuados no mundo, em permanente processo de Educação, inclusive de educação sexual. Para isso, retomamos a pergunta: afinal, por que ficamos ainda inibidos diante do tema sexualidade?

Para pensarmos um pouco mais sobre isso gostaríamos de contar lhe uma pequena história...

> Numa determinada cidade do Estado de Santa Catarina, colonizada por imigrantes europeus, acontecia anualmente uma festa que reunia toda a comunidade, e o prato mais comentado e saboroso do cardápio era o pernil.
>
> Pernil este preparado por uma jovem de 18 anos que pertencia a uma tradicional família da região.
>
> A fama do pernil espalhou-se para outras cidades, aguçando a curiosidade de uma repórter que resolveu fazer uma entrevista com a referida jovem. A repórter perguntou-lhe como preparava o pernil. Ela contou que o temperava e, no momento de colocá-lo no forno, cortava dele um pedaço. A repórter, intrigada, perguntou:
>
> - Por quê?
>
> A jovem respondeu:
>
> - Não sei explicar, a minha mãe ensinou-me assim.
>
> A repórter disse à jovem:
>
> - Preciso entrevistar sua mãe.

Ao entrevistar a mãe da jovem, a repórter foi direto à pergunta:

- Qual a explicação para a senhora cortar um pedaço do pernil quando o leva ao forno? A senhora respondeu:

- Sabe que não sei! Aprendi assim com minha mãe.

A repórter perguntou-lhe se havia possibilidade de entrevistar a mãe - que seria a avó da jovem. Ela disse que não haveria problema, pois ela tinha 90 anos de idade, mas estava muito lúcida e certamente teria o maior prazer em ser entrevistada.

Chegando à casa da senhora de 90 anos, a repórter perguntou-lhe se ela tinha conhecimento da fama do pernil que ela havia ensinado sua filha (e esta à neta) a fazer. Ela disse que sim, mas que tudo era muito simples.

Então a repórter perguntou:

- Qual o segredo de cortar um pedaço no momento de levá-lo ao forno?

Ela respondeu com muita simplicidade e sinceridade:

- Olha, moça, na minha época eu cortava um pedaço, porque o meu forno era pequeno. Hoje não sei explicar porque elas continuam a fazer o mesmo, se existem formas e fornos maiores!

Figura 1.1 - Cozinheira

Você deve estar se perguntando o que esse conto popular, adaptado para uso em diversos espaços pedagógicos, tem a ver com a sexualidade. Mas, será que com a sexualidade não continuamos a fazer o mesmo que nossas avós, mães, pais, tios, tias, professores/as, usando a mesma forma e o mesmo forno, mesmo que o pernil cortado já não nos sirva mais, sem nos perguntarmos o porquê? Será que simplesmente continuamos a repetir costumes acriticamente, repassando preconceitos, tabus, medos, sem nos questionarmos se eles servem ainda para a realidade em que vivemos?

Certamente percebemos que, hoje, as transformações ocorrem muito rapidamente, mas, no que se refere à temática "sexualidade", ainda não conseguimos falar dela com a naturalidade necessária. A ciência e a tecnologia avançaram muito nesses últimos anos e hoje são capazes de responder a questões que, na época de nossos antepassados, não poderiam ser resolvidas, bem como novas relações sociais se estabeleceram, gerando a necessidade de novos valores de convivência, em busca do bem viver para todos. Mas, mesmo assim, preferimos continuar, muitas vezes, repetindo os mesmos atos, sem questioná-los.

Como registrou o compositor Belchior na música "Como nossos pais", tão bem interpretada pela cantora Elis Regina: "Minha dor é perceber que, apesar de tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais". É claro que o compositor se refere somente ao que reproduzimos acriticamente. Ao agirmos dessa maneira, deixamos de viver plenamente nossa vida.

Muitas vezes, não conseguimos deixar de ter preconceitos por estarmos presos a um passado calcado unicamente no **senso comum**. Por esse senso comum, ainda interpretamos o mundo, na maioria das vezes, pelos mitos criados para explicar situações que há poucas décadas ainda não era possível explicar, inclusive através da ciência, bem como por valores ultrapassados para nossa época.

O dicionário filosófico Aires (2003), define senso comum sendo o conjunto mais alargado de crenças que uma comunidade tem por verdadeiras e partilha durante um certo período de tempo. O senso comum é um "saber" que resulta de experiência individual e coletiva.

Precisamos procurar conhecer melhor "qual é a nossa", como diria um adolescente, em relação à sexualidade. Temos que buscar reconstruir as nossas verdades provisórias até que outras venham a ser elaboradas pelas gerações que nos sucederem. Tudo isso sempre visando a uma vida plena, feliz e digna para todos. Enfim, uma vida cidadã...

Lembre-se sempre de que somos seres humanos, portanto mutáveis, tendo a capacidade de renovação a cada dia. Para que essa renovação seja plena, faz-se necessário estudar nossa própria história também em relação à sexualidade, às transformações nela ocorridas em diferentes épocas e culturas, todas essas certamente registradas em nossa maneira atual de ser e agir.

Assim, para entendermos um pouco mais desse nosso ser e agir sempre sexuado, continuamos nossa reflexão perguntando-lhe: afinal, você também é sexuado/a?

Continue seu estudo e entenda melhor o que isso significa.

Seção 1 - Você é sexuado/a?

Objetivo de aprendizagem

» Perceber-se como ser sexuado e reconhecer que estamos em permanente processo de educação sexual, independentemente de idade, etnia, sexo, cultura ou religião.

Para saber a resposta à pergunta que o título sugere, tente fazer o seguinte exercício: certamente você está confortavelmente instalado/a lendo seu Caderno Pedagógico. Saia por um momento do local onde você está estudando, vá para outro ambiente próximo, deixando lá sua sexualidade, e volte logo para continuarmos nossa conversa.

Conseguiu fazer o que lhe sugerimos? É claro que não, pois a sexualidade é uma dimensão indissociável do fato de sermos humanos.

Você é tão sexuado/a como foram e são todos os seres humanos. E isso é verdadeiro para todas as pessoas "desde que o mundo é mundo", pois vivem em uma sociedade onde os discursos e as práticas sobre a sexualidade perpassam todas as esferas da nossa vida cotidiana.

Portanto, o objetivo desta seção é que você se perceba como um ser humano sexuado, como o são todas as demais pessoas no mundo, em permanente processo de educação sexual, independentemente de idade, etnia, sexo, cultura ou religião.

Isso também é verdade para todas as pessoas que fazem parte de seu dia a dia como, por exemplo, seu filho, sua filha, seu aluno, sua aluna, seu pai, sua mãe, seus e suas colegas de trabalho, os vizinhos e as vizinhas, seu companheiro, sua companheira, seu esposo ou esposa etc. Todos e todas

são seres sexuados, e essa sexualidade se manifesta das mais diversas formas. Seja através dos sentimentos, das emoções, da relação sexual, do prazer. Essa dimensão "sexualidade" é parte indissociável de todos nós, em qualquer época de nossa vida, em qualquer ambiente, inclusive no escolar.

Somos seres humanos sempre sexuados ao estabelecermos as relações sociais, na produção do nosso modo de vida, ao construirmos nossa história da sexualidade ao mesmo tempo em que ela nos constrói. Ao longo de nossa existência, em todas as nossas relações sociais, fomos construindo e sendo construídos, elaborando histórica e culturalmente discursos, regras, modelos, posturas, exigências, cerimoniais, permissões e interdições, códigos em torno do sexo, tornando a sexualidade muitas vezes permeada de tabus, mitos e preconceitos que se perpetuam até nossos dias e que dizem respeito a determinados interesses das diferentes épocas, muitas vezes desconsiderando as relações sexuais como sendo também relações sociais.

Nessa perspectiva crítica de análise da realidade, você vai perceber que, como não poderia deixar de ser, a sexualidade só pode ser vista como dimensão inseparável da história do ser humano. Todas as linhas de tempo que você estudar, nas mais diferentes disciplinas, podem desvendar os paradigmas da sexualidade e da educação sexual correspondentes a cada cultura, em cada época.

Veja, no quadro a seguir, como Nunes (1997, p. 51-56) fixa metodologicamente cinco etapas de compreensão da construção histórico-cultural da sexualidade mais relacionadas ao mundo ocidental, desde o Paleolítico até hoje.

Período	Características
1. Sexualidade primitiva mítica	Etapa da compreensão mítica, semidivinizada das sociedades agrárias do Oriente Médio. Religião e magia como aparelho conceitual desses povos. Sexo, religião e trabalho estão em íntima relação com o fenômeno da vida.
2. O modelo patriarcal	Inicia-se com o advento das civilizações urbanas do mundo antigo. O sexo gradualmente perde seu caráter mítico e passa a ser "racionalizado" e controlado.
3. A sexualidade proscrita na Idade Média	Coincide com a desestruturação do mundo antigo com a queda do Império Romano e a emergência da Igreja como instituição que catequiza e organiza o mundo bárbaro. A inspiração cristã, o platonismo "batizado" e o maniqueísmo mesclam-se ao novo imaginário social construído pela Igreja por meio do enquadramento dos povos bárbaros na doutrina cristã. Dominar o corpo e reprimir o sexo constitui o ideal da vida cristã.
4. A puritanização do sexo	Etapa ligada à transformação do mundo medieval com o advento da sociedade capitalista, das entranhas do feudalismo. A energia sexual deve ser direcionada para o trabalho.
5. A descompressão sexual	Ligada à perda da hegemonia europeia sobre o mundo e com o advento da sociedade de consumo. Perda do espírito erótico. Segundo Marcuse, (1975) é o "prazer mecanizado".

Quadro 1.1 - Construção histórico-cultural da sexualidade
Fonte: Nunes (1997, p.51-56).

Assim, as mudanças dos mitos, tabus, preconceitos e valores construídos ao longo do tempo dependem também da nossa postura diante do tema. Refletindo com Jean Jacques-Rousseau (1712-1778) podemos compreender que "antes de tentar fazer um homem, é preciso fazer-se homem a si próprio", isto é, devemos procurar compreender cada vez mais nossa própria sexualidade, refletindo sobre a forma pela qual fomos educados e como educamos. Assim, estaremos nos aperfeiçoando como pessoas e ajudando a melhorar a sociedade de um modo geral.

Está acompanhando até aqui? Vamos conferir:

Questão - Vivências pedagógicas e sexualidade

Vamos fazer agora um pequeno exercício de reflexão: a partir de nossa conversa realizada na seção 1, leia as duas situações abaixo e marque com um X aquela que você considera uma vivência pedagógica saudável entre pessoas sexuadas.

a. ( ) Quando você entrar na sua sala de aula, ou em qualquer outro espaço onde trabalhe, o procedimento pedagógico adequado será o de deixar a sua sexualidade "lá fora" e recomendar aos seus alunos e alunas, ou colegas de trabalho, que façam o mesmo.

b. ( ) Quando você entrar na sua sala de aula, ou em qualquer outro espaço onde trabalhe, você entrará nele inteiro/a, com seu corpo, emoções, sentimentos, sexo, enfim com toda a sua sexualidade. E todos os demais ali envolvidos farão o mesmo.

Comentário: Se você escolheu a opção 1, vamos conversar mais um pouco. Considerando que somos todos sexuados, em qualquer situação de nossas vidas, no cotidiano escolar não é diferente. Você, seus alunos e alunas e todos os envolvidos na sua comunidade, são sempre sexuados.

Se você escolheu a opção 2, parabéns! Seu ambiente de trabalho deve ser acolhedor, prazeroso, amigável; nele, expressões de emoções e sentimentos, abraços fraternos e várias outras manifestações de carinho não só são permitidas como fazem parte do dia a dia.

Agora que você se percebeu como um ser humano sexuado e que é sempre um educador ou uma educadora sexual, convidamos você a refletir sobre os conceitos: sexo e sexualidade.

Seção 2 - Existe diferença entre sexo e sexualidade?

Objetivo de aprendizagem

» Compreender o significado de sexo e sexualidade

Para aprofundar mais a reflexão sobre educação e sexualidade, vamos procurar entender melhor **a diferença entre sexo e sexualidade!**

Para começo de conversa, perguntamos: qual é, realmente, o significado das palavras "sexo" e "sexualidade"?

Cada pessoa, incluindo você, certamente possui um conceito sobre estas duas palavras.

Reflita sobre esta questão!

Considerando seus saberes e conhecimentos a respeito, registre como você as conceitua hoje:

Sexo

____

____

____

____

Sexualidade

____

____

____

____

Agora que você já registrou seu entendimento sobre as palavras "sexo" e "sexualidade", vamos refletir mais sobre esses conceitos.

No senso comum, “sexo” tem sido conhecido como sinônimo de órgãos genitais, ou da relação sexual, ou, ainda, de toda a sexualidade humana. Sexo é, basicamente, a caracterização biológica, hereditária, que diferencia fisicamente o homem e a mulher.

Sexualidade é um termo que surgiu no século XIX, ampliando o conceito de sexo, incorporando a reflexão e o discurso sobre o seu sentido e a sua intencionalidade. “A sexualidade é sempre construída e definida socialmente sobre o sexo primordial” (NUNES, 1987, p. 127).

Pode ser entendida, atualmente, como uma inseparável e fundamental dimensão humana, como a própria vida, englobando sentimentos, relacionamentos, sensualidade, prazer, erotismo, direitos, deveres, sexo, enfim o ser humano em sua plenitude, em sua totalidade.

Observe como essa questão é bem colocada na Proposta Curricular de Santa Catarina (1998. p. 17):

> A sexualidade não se reduz à união dos órgãos genitais e tampouco pode ser confundida com o ato sexual reprodutivo, pois este tanto pode estar inserido num relacionamento afetivo quanto indiferente a qualquer ligação amorosa. Ou seja, uma união genital pode acontecer por atração, desejo, prazer, como pode ser uma manifestação de poder, violência-prazer e opressão de uma ou mais pessoas sobre outrem. A atividade sexual genital, reprodutiva ou não, é caracterização biológica do ser humano enquanto espécie animal. Já a sexualidade se constitui numa elaboração histórica e cultural, que se explica e se compreende no contexto e nas relações nas quais se produz.

Você percebeu que sejam quais forem os conceitos que cada pessoa tem de “sexualidade” e de “sexo” eles terão reflexos imediatos em qualquer tipo de educação sexual? Trata-se da educação sexual vivenciada na família, na escola, enfim em todo o processo de relações entre os seres humanos,

portanto todo processo de educação sexual sempre está fundamentado em uma visão de mundo que inclui um conceito de sexualidade e de sexo, mesmo que não se tenha clareza disto.

Esses conceitos também são produtos de uma construção sócio-histórica determinada e determinante, pois nessa caminhada como seres históricos no mundo, relacionando-nos com outros seres, é que apreendemos atribuições e significados para as nossas crenças, vivências, práticas e experiências sexuais.

A sexualidade é uma dimensão exclusiva do ser humano. Nenhum ser vivo, além dos seres humanos, é capaz de dar sentidos, para além do biológico, à questão da sexualidade. Somente nós é que podemos estabelecer valores afetivos, morais e éticos à sexualidade, significando e "re-significando" sentidos, estabelecendo normas e regulamentos, limites e possibilidades para os relacionamentos e vivências dessa rica dimensão.

> Lembre-se de que "cada povo, em cada tempo e lugar, cria e recria, busca formas de viver e expressar a sexualidade. Hoje, o que em nossa cultura parece óbvio, acabado e definitivo, continua em movimento. Amanhã, essas certezas terão novas conotações, assim acontece em outras culturas e num mesmo período histórico, porque tudo está em constante transformação". (PROPOSTA CURRICULAR SC, p. 17).

Você teve a oportunidade de ver, portanto, que a vida, e nela a nossa inseparável sexualidade, é um processo constante de seres humanos que se educam nas relações sociais, relações essas sempre sexuadas.

Vamos refletir?

Como será que estamos vivenciando a questão da sexualidade na nossa vida, de uma maneira geral, e mais especificamente no nosso cotidiano escolar? Será que estamos vivendo com saúde sexual em nossas casas e em nossas escolas?

Para complementar sua reflexão, convidamos você a ler a definição de sexualidade registrada pela **Organização Mundial de Saúde**, em 1975 (*apud* BLESSA *et al*, [s.d.]):

Organização Mundial da Saúde - OMS: para saber mais sobre ela acesse ao site: http:/www.who.int/homepage

> A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita a presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto, a saúde física e mental.
>
> Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como direito humano básico. A saúde mental é a integração dos aspectos sociais, **somáticos**, intelectuais e emocionais de maneira tal que influenciem positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor.

Somático, neste contexto, diz respeito ao corpo.
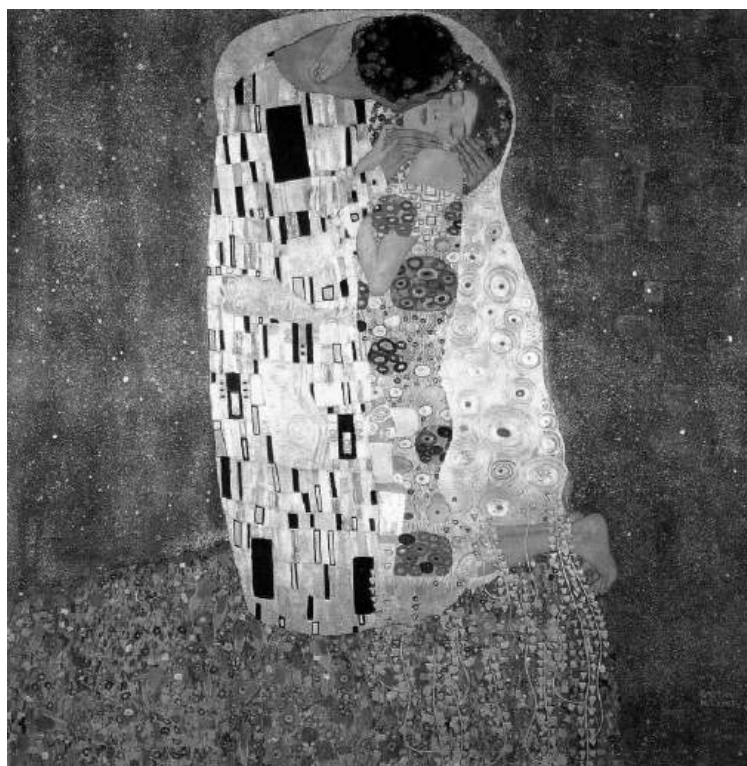
Figura 1.2 : O Beijo

Coloque uma cópia dessa definição em um mural em seu local de trabalho para provocar o debate sobre essa questão.

Registre no Ambiente Virtual de Aprendizagem, conforme orientação dos professores da Disciplina, os resultados dessa experiência.

A seguir, leia a síntese do capítulo, realize as atividades de aprendizagem e consulte o item para "Aprender Mais" para aprofundar seus conhecimentos acerca do conteúdo do capítulo.

Síntese do capítulo

Neste capítulo do Caderno Pedagógico, você teve a oportunidade de estudar e refletir sobre:

» A constatação de que todos somos seres sexuados e que nos encontramos em permanente processo de educação sexual, independentemente de idade, etnia, sexo, cultura ou religião.

» O significado de sexo e sexualidade.

» Sexo é, basicamente, a caracterização biológica, hereditária, que diferencia fisicamente o homem e a mulher.

» A sexualidade é uma dimensão exclusiva do ser humano.

» Sexualidade é um termo que surgiu no século XIX, ampliando o conceito de sexo, incorporando a reflexão e o discurso sobre o seu sentido e a sua intencionalidade.

» A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida.

Atividades de aprendizagem

1. Sexualidade versus Sexo, contemplando os estudos realizados na seção 2

Dentre as alternativas abaixo, marque com um V a asserção verdadeira e com um F a asserção falsa. Em seguida, nas linhas subsequentes, comente aquelas que julgar verdadeira, com base nos conhecimentos adquiridos neste capítulo de estudo.

1. ( ) Sexualidade não é só sexo, é processo que se desenvolve histórico-culturalmente ao longo de toda a vida, marcado pela cultura e pelos sentimentos, emoções, afetos em cada ser humano.

2. ( ) Sexo é a caracterização biológica hereditária do ser humano.

3. ( ) Sexualidade é uma dimensão humana composta unicamente pela caracterização biológica que cada um traz ao nascer, pelos seus órgãos genitais e pelas relações sexuais que estabelece ao longo da vida.

4. ( ) Sexo é um dos aspectos da rica dimensão humana chamada sexualidade.

2. Registre no AVA, conforme orientação dos professores da disciplina, alguns dos reflexos da compreensão da sexualidade apenas em seus aspectos biológicos.

Aprenda mais...

Sessão cine-vídeo...

Prepare as pipocas, instale-se confortavelmente e assista ao filme:

A vida em preto e branco - *Pleasantville*- filme em VHS, com origem nos EUA, 1998, com duração de 124 minutos, direção de Gary Ross, distribuído pela Warner. Ele trata, dentre outras questões, da sexualidade e das mudanças de paradigmas em relação a ela.

Sinopse

Nos anos 90 David (Tobey Maguire) é um jovem solitário, que não é feliz com sua vida e foge da realidade assistindo "Pleasantville", um seriado em preto e branco dos anos 50 onde tudo é agradável. Mas tudo muda bruscamente quando Jennifer (Reese Whisterpoon), sua irmã, que sexualmente muito mais ativa que David, briga com ele pela posse de um estranho controle remoto, que apareceu através de um igualmente estranho técnico de televisão (Don Knotts), que chegou repentinamente logo após eles terem quebrado o antigo controle. Durante a briga eles apertam o novo controle e são magicamente transportados para dentro da fictícia "Pleasantville" e lá se tornam Bud e Mary-Sue Parker, dois personagens da série. Eles de repente se vêem em um mundo todo em preto e branco. David leva alguma vantagem sobre sua irmã, pois como conhece muito bem o seriado, sabe quem são estes novos "conhecidos" e qual a importância que eles têm na vida de Bud e Mary-Sue Parker. Sob estes nomes fictícios, tornam-se filhos George Parker (Wiliam H. Macy) e Betty Parker (Joan Allen), que são pais adoráveis em um lugar onde todos são felizes, não há sexo e ninguém nunca precisa ir ao banheiro. David quer sair da situação como também a irmã dele, mas considerando que ele tenta se enturmar (sem esforço, com o conhecimento dele), ela faz o que ela gosta de fazer. Um evento conduz o outro e de repente uma rosa vermelha cresce e logo mais regras são quebradas e surgem novas cores e, se tudo não é tão agradável, com certeza tem mais emoção. Mas inicialmente nem todos gostam destas mudanças. *(Fonte: Adoro cinema. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes pleasantville/>. Acesso em: 10 jul 2011).*

É um bom filme para ser visto inclusive com jovens e adultos de sua família e de sua comunidade escolar. Ele servirá de base para seu estudo do Caderno Pedagógico e também para suas reflexões finais em seu trabalho de conclusão da Disciplina.

Logo após assistir o filme, escreva uma resenha crítica registrando suas impressões sobre a abordagem da sexualidade proposta por ele. Publique o seu texto AVA da disciplina, na ferramenta indicada, conforme orientações da equipe de docentes.

CAPÍTULO 2

Educação sexual e seus paradigmas

Neste capítulo, você identificará os vários paradigmas de educação sexual existentes na sociedade atual e seus reflexos na educação brasileira por meio de várias vertentes pedagógicas. Também identificará alguns indicadores básicos do denominado paradigma emancipatório, reconhecerá os direitos sexuais como direitos humanos universais e como expressão de uma vertente pedagógica mundial de educação sexual. Refletirá sobre a escola como um espaço possível para a vivência de uma educação sexual compreensiva e alguns indicadores básicos do referido paradigma em construção que se expressará ou já se expressa em vertentes pedagógicas.

CAPÍTULO 2

Educação sexual e seus paradigmas

Objetivo geral de aprendizagem

Identificar os vários paradigmas da educação sexual existentes na sociedade atual e seus reflexos na educação brasileira através de várias vertentes pedagógicas.

Seções de estudo

Seção 1 – Os paradigmas da educação sexual na educação brasileira e suas vertentes pedagógicas

Seção 2 – Reflexões sobre um paradigma emancipatório de educação sexual

Seção 3 – Direitos sexuais como direitos humanos universais e como expressão de um novo paradigma

Seção 4 – Direitos à educação sexual compreensiva na escola

Seção 5 – Educação sexual compreensiva no cotidiano escolar

Iniciando o estudo do capítulo

Constatamos que todos nós somos sexuados, em permanente processo de educação, e que cada um de nós possui uma visão de mundo que, dentre outras "coisas", inclui nosso entendimento do que é sexualidade e sexo, com reflexos imediatos em nossa maneira de viver, incluído, aí, o processo permanente de educação sexual existente entre os seres humanos.

Recorrendo a uma afirmação de Paulo Freire - a de que a educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade - estabelecemos o objetivo deste capítulo. Nele, você, sujeito em busca de viver a educação como prática de liberdade por meio de atos de conhecimento, procurará fazer uma aproximação cada vez mais crítica da questão da educação e da sexualidade, **identificando vários paradigmas de educação sexual existentes na sociedade atual e seus reflexos na educação brasileira através de várias vertentes pedagógicas.**

Mas, antes de falar mais especificamente de educação sexual, vamos refletir um pouco mais sobre educação em geral.

> Azibeiro, dialogando com Morin registra que chamamos paradigmas às estruturas de pensamento que, de modo quase que inconsciente, comandam nosso modo de ser, de olhar, de viver, de fazer, de falar sobre as coisas e sobre nós mesmos. São os nossos sistemas mentais, que filtram toda a informação que recebemos: ignoramos, censuramos, rejeitamos, desintegramos o que não queremos saber. Não os entendemos como modelos, rígidos e acabados, mas como horizontes, que se ampliam e se modificam a cada passo dado, ou teias de significados, sempre se re-tecendo e rearticulando. (AZIBEIRO, 2001, p.2).

A educação, como você já sabe, é um fenômeno humano e social, com todas as suas determinações, sendo também campo da ação humana. Relembre que toda a sociedade ou qualquer grupo social são sempre agências educadoras num permanente processo educacional. Isso porque educação não se reduz à escolarização ou à instrução, já que se entende que educar é construir redes de significações culturais e comportamentos

padronizados, de acordo com os códigos sociais vigentes. Todo esse processo educativo, seja formal ou informal é sempre sexuado, já que a sexualidade é uma dimensão inseparável do existir humano. Portanto, a educação sexual, com todos seus componentes explícitos e implícitos, formais e não formais, não escapa a essa dimensão sociopolítica e cultural.

Nesse sentido, é evidente que a educação sexual também sempre acontece plenamente em todos os grupos sociais, em todas as épocas, em todas as culturas, e se expressa em diferentes paradigmas que se refletem em todos os segmentos e organizações sociais, dentre elas, a escola. E, como sabemos, continua a ser tema controverso na maioria das sociedades contemporâneas.

Falando em educação e em educação sexual, procure aprofundar suas leituras também sobre como as religiões, principalmente as que são hegemônicas no pensamento ocidental cristão, têm tido papel preponderante na orientação moral de políticas educativas sobre sexualidade ao longo dos tempos, orientações essas que nem sempre ajudaram o ser humano no seu desenvolvimento pleno. Pelo contrário: muitas das religiões têm responsabilidade direta na questão da repressão desumanizadora da sexualidade.

Lembre-se de que o Estado também tem sido um protagonista fundamental nesses debates, como registra Vaz (1996, p. 53), pois, dependendo de que segmento social está ali realmente representado, ora assume uma aparente posição de distanciamento frente aos diversos segmentos sociais em conflito, ora toma partido de uns ou de outros, favorecendo ou dificultando a definição e o desenvolvimento de políticas emancipatória de educação sexual nas escolas, nos sistemas de saúde ou nas políticas públicas em geral.

Os estudos que você realiza em várias outras áreas do conhecimento certamente serão de grande ajuda para um melhor entendimento dessas questões. Talvez você já tenha feito um exercício de construção de uma linha do tempo, onde poderá ir registrando e entrelaçando, por meio dela, alguns acontecimentos marcantes que estudou até agora.

Poderá também ir incluindo nessa linha do tempo, em cada época ou data, a etapa ou acontecimentos relacionados a expressões de paradigmas, vertentes ou manifestações consideradas específicas da sexualidade e logo perceberá que tudo é relacionado. Diferentes teorias expressas em vários cadernos, por exemplo, estão sempre se referindo ao mesmo processo vital de relações sociais entre os seres humanos e destes com a natureza, ao produzirem e serem produzidos em seus modos de vida. Esse processo é sempre sexuado e permeado por vários paradigmas.

Na sequência, você irá conhecer uma classificação de paradigmas de educação sexual que marcaram, e marcam até hoje, a educação brasileira, expressando-se em várias vertentes pedagógicas. Fique atento/a!

Seção 1 –Os paradigmas de educação sexual na educação brasileira e suas vertentes pedagógicas

Objetivos de aprendizagem

» Compreender e analisar os diferentes paradigmas de educação sexual existentes na sociedade contemporânea e seus reflexos na educação brasileira, principalmente nas escolas.

Paradigma é um tipo de visão de mundo, individual e coletivo. Essa visão se expressa no nosso fazer cotidiano, mesmo que não tenhamos consciência disto, cotidiano este sempre sexuado. Relembrando: no processo educativo

existente entre os seres humanos, processo esse também de educação sexual, há um paradigma subjacente. Esse paradigma se expressa no que podemos chamar de vertentes pedagógicas de educação sexual.

Nesta seção, o objetivo é conversar um pouco sobre os diferentes paradigmas de educação sexual existentes na sociedade contemporânea, **compreendê-los, analisá-los e entender os seus reflexos na educação brasileira, principalmente nas escolas.**

Romero (1998) afirma que não existe uma única definição do que é sexualidade e, por consequência, não existe um só modelo padrão do que se possa chamar de educação sexual. Isso porque, a partir da história pessoal e da aprendizagem social é que se constroem as concepções sobre tudo, inclusive sobre sexualidade.

É social e culturalmente que aprendemos alguma atribuição ou significado para as vivências, práticas e experiências sexuais. Cada grupo social e cultural constrói e recria imaginários sociais e particulares sobre a sexualidade, seu sentido, seu valor e seu papel na existência humana. Essa construção e essa recriação dos imaginários sociais e particulares sobre a sexualidade, feitas por um grupo social, e suas expressões no cotidiano maior das relações sociais dos seres humanos ao produzirem suas vidas, é o que podemos chamar de "seu paradigma" sobre educação sexual; ou seja, pertencente daquele grupo.

Apresentamos, agora, uma adaptação que fizemos das vertentes dominantes nas abordagens pedagógicas da educação sexual no Brasil, propostas por Nunes (1996). São elas:

- médico-biologista;
- normativo-institucional;
- a terapêutico-descompressiva, incluída aí a questão do consumismo pós-moderno.

Todas essas vertentes "mudaram" a educação sexual, contribuindo para que essa não mudasse. Assim como tem acontecido com as várias "mudanças do capitalismo", que realiza aparentes mudanças, que não

mudam o fundamental: o próprio modo de produção. Os estudos que você já realizou em outras disciplinas serão de grande auxílio no entendimento dessa questão.

Na vertente **médico-biologista** repressora, o ser humano é reduzido a uma estrutura organizada que apenas reproduz e perpetua sua espécie. São retirados dessa vertente todos os componentes sócio-histórico-culturais da construção da sexualidade humana. "O discurso médico, matriz da interpretação biologista, reforça o mesmo discurso conservador e institucional presente na sociedade brasileira". (NUNES,1996, p.141).
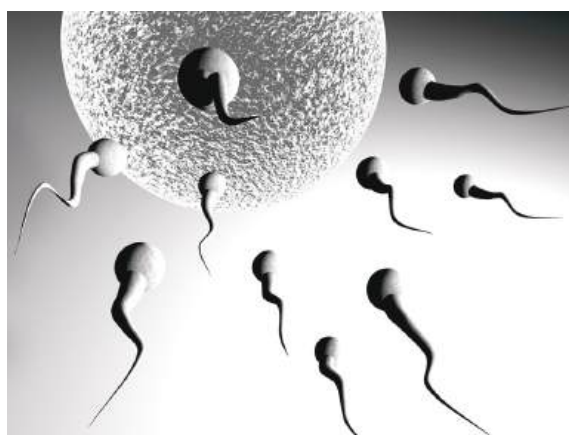
Fig. 2.1 - Reprodução Humana

Na vertente citada, a reprodução humana é o eixo da discussão, como, por exemplo, quando estudamos o aparelho reprodutor nos textos escolares centrados, muitas vezes, em noções de higiene sexual e procriação, sem inseri-lo em uma dimensão maior da sexualidade, entendida em seus aspectos sociopolítico e culturais.

Condutas sexuais diferentes do padrão dito "normal", nessa vertente, são consideradas "desvios". Utilizam-se, muitas vezes, modelos de desenvolvimento de plantas e animais para explicar a sexualidade humana. Com pouco esforço, facilmente, você perceberá manifestações dessa vertente no seu cotidiano escolar.

A própria questão de reforçar a desigualdade entre os sexos - estipulando, no cotidiano escolar, tarefas próprias para meninos, acirrando a competição; e tarefas para meninas, estimulando a submissão - pauta-se num suposto diferencial biológico que justificaria esse sexismo.

Já a vertente **normativo-institucional**, como seu próprio nome diz, é determinada por uma rigorosa moral repressiva institucional, misturando, ecleticamente, mecanismos de ordem científica e conceitos religiosos morais, fortalecendo-se para fazer frente à chamada "revolução sexual". Defende a promoção dos papéis sexuais tradicionais do modelo ocidental

cristão e a propagação do casamento patriarcal monogâmico. É intolerante com práticas sexuais alternativas e condutas sexuais não procriativas. As instituições normativas preferenciais são a família tradicional, a Igreja e a escola.

Fig. 2.2 - Familia Tradicional

Essa vertente está presente nas escolas, via currículo, mesmo que oculto. Procure suas pistas, por exemplo, nos conteúdos dos livros didáticos utilizados nas escolas. Como um bom (mau?) exemplo, temos livros didáticos que só apresentam um tipo de família padrão, aquela que é constituída pelo pai, pela mãe e por filhos, na qual geralmente o menino é o mais velho entre outros fatores clássicos.

Onde estão representados os vários tipos de família que temos hoje em nossa sociedade? Trata-se de um fato aparentemente simples, mas que, se não for trabalhado criticamente, perpetua um tipo de discriminação inaceitável se quisermos trabalhar a partir do/a nosso/a aluno/a real.

A vertente **terapêutico-descompressiva** é baseada em uma concepção banalizada da psicanálise e dos referenciais da psicologia. São expressões dessa vertente: consultórios televisivos, confissões compulsivas no reino do "eu acho..." São utilizadas técnicas e metodologias no encaminhamento do sexo individual e coletivo, em propostas de "autoajuda" ou de receitas de como viver a sexualidade. Coloca-se tudo como uma questão "do que dizer na hora certa". Reflete a visão dos seres humanos como "trepadores

compulsivos", como atletas sexuais. Nessa, a sexualidade é vista como uma questão de produtividade e técnica. Revistas apresentam como ter orgasmo, como achar o ponto G, como enlouquecer seu homem, sua mulher etc. É obrigatório deixar de ser virgem... É obrigatório transar por transar...

É o consumo de relações: um consome o outro. Homem, mulher, criança: todos são usados como mercadorias sexuais. Naturaliza-se o sexo como mercadoria, uma vez que ele se apresenta como mecânico, deserotizado. É uma aparente liberalização e descompressão das práticas sexuais. Hoje as mídias são utilizadas, por excelência, como instrumentos formadores de valores éticos sexuais. Nos seus programas e outros tipos de produções, todos são considerados como tendo a mesma história e a mesma necessidade, na qual o conhecimento sobre a sexualidade tende a ser superficial e vazio não a considerando como uma construção sócio-histórico-cultural.
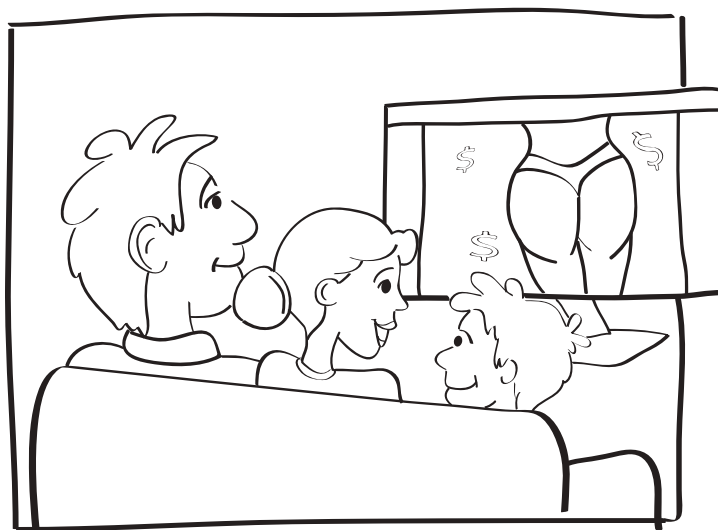
Fig. 2.2 - Banalização do sexo.

Essa vertente está mais presente explicitamente fora da escola, mas chega até ela com toda sua força, indiretamente, trazida pelas pessoas pertencentes à comunidade escolar, por meio de suas várias atitudes, falas, expressões corporais e padrões das piadinhas, tudo influenciado por programas de televisão, tais como, novelas, por exemplo, bem como

por conteúdo da internet, de livros e revistas, das músicas da moda que exploram essa vertente de "descompressão" etc.

> "O homem moderno já não chora com seu peito, mas intelectualiza seu pensar; não geme com seu orgasmo, mas pensa se esteve bem (ou não); não ri com a barriga, nem ama com a alma. Está mais perto da morte do que da vida". (LABORD apud GUIMARÃES, 1995, p.34).

Como você deve ter percebido, todas essas vertentes estão ainda presentes no cotidiano da sociedade e da escola, com maior ou menor intensidade, dependendo de cada contexto.

Você está acompanhando tudo até aqui? Vamos conferir com a atividade de análise e síntese!

1. Vertentes pedagógicas de educação sexual

Procure identificar as manifestações dessas vertentes em alguns exemplos do cotidiano escolar, numerando a segunda coluna de acordo com a primeira.

Coluna 1	Coluna 2
a. Médico-biologista	( ) Os livros adotados pela escola, apresentam expressões do tipo de família nuclear padrão, constituída de pai, mãe e filhos.
b. Normativa-institucional	( ) A comunidade escolar atribui a responsabilidade da educação sexual apenas ao professor ou à professora que tratar das Ciências Biológicas.
c. Terapêutica-descompressiva	( ) Em determinada sala de aula, os alunos e alunas são reforçados positivamente pelo professor/a em sua busca de identificação excessiva com modelos televisivos, apregoados pela mídia, considerados como receita ideal de beleza física. Isso tem causado um grave problema de baixa autoestima para os que não se enquadram nesse padrão.

Quadro 2.1 – Exercício sobre as vertentes

Comentário:

a) Essa proposta pedagógica atende aos princípios da vertente médico-biologista, pois, além de tratar o corpo humano como um amontoado de aparelhos, passíveis de serem estudados isoladamente, como se não fizessem parte dessa maravilha que é o ser humano em sua plenitude, determina que um único educador seja responsável pela transmissão desse conhecimento fragmentado. Lembre-se de que somos todos/as educadores/as sexuais, mesmo que não tenhamos consciência plena disso.

b) Família é um grupo unido tanto por laços de sangue quanto de afeto, que unidos estabelecem o seu núcleo e podem apresentar os mais diversos modelos de agrupamento de pessoas. Se a comunidade escolar adotar livros que privilegiem um modelo padrão de família estará fortalecendo a vertente normativo institucional.

c) Como você percebeu, essa é uma manifestação da vertente terapêutico-descompressiva de educação sexual, pois dá ênfase à receita de um ser humano enquadrado em um ideal naturalizado pela mídia. Ao reforçar esse comportamento, o professor fixa essa norma padrão como único modelo aceitável, desqualificando todos os outros, mesmo que não perceba isso.

2. Reflexão sobre práticas pedagógicas e sexualidade

A partir dos exemplos de situações pedagógicas descritas na coluna 2 da atividade 1, e de sua própria experiência de vida, registre sugestões de ações pedagógicas possíveis de serem realizadas para mudar cada situação apresentada.

Exemplo do livro didático e tipos de famílias:

Exemplo do professor de Biologia:

Exemplo da identificação excessiva com modelos televisivos:

Aprenda um pouco mais sobre a questão de Gênero e Sexismo, lendo:

LOURO, L. Guacira. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999

__________. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista, Petrópolis: Vozes, 1997.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo:** a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Para aprofundar a questão...

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade humana**,a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

Cabral, Juçara. **A sexualidade no Mundo Ocidental,**Campinas SP: Papirus, 1995.

Seção 2 – Reflexões sobre um paradigma emancipatório de educação sexual

Objetivos de aprendizagem

» Identificar alguns indicadores básicos do paradigma emancipatório em construção que se expressará, ou já se expressa, em vertentes pedagógicas.

Como você percebeu, são várias as vertentes pedagógicas de educação sexual e suas expressões na nossa vida, inclusive no cotidiano escolar, vertentes que sempre expressam algum paradigma. Também deve ter observado que essas vertentes apresentadas até agora parecem não compreender o ser humano em sua totalidade. Não compreendendo-o nessa totalidade dificultam os processos de mudanças individuais e coletivas.

Será, então, que não temos saída quanto à questão da educação sexual?

É claro que temos! Em toda a caminhada do ser humano como um sujeito que faz sua própria história junto a outros sujeitos no mundo, na relação com a natureza, construindo seu modo de vida, também existiram e existem até hoje momentos, expressões, enfim vivências de uma sexualidade, entendida como uma prazerosa dimensão inseparável do existir humano.

A abordagem dessa dimensão é parte do seu constituir-se como cidadão/ã pleno de seu tempo. E essa maneira de perceber a sexualidade e os consequentes reflexos dela no processo de educação sexual apresenta-se como o mais forte indicador da existência, mesmo que ainda embrionária, de um paradigma de educação sexual emancipatório, que, iniciando-se em nível pessoal, não por acaso, está entrelaçado a um paradigma maior de mudança social.

Nesta seção, o objetivo será ajudá-lo/a a identificar alguns indicadores básicos desse paradigma emancipatório em construção que se expressará ou já se expressa em vertentes pedagógicas.

Para isso, vamos retomar a seguinte constatação: todas as pessoas inserem-se no mundo mediante seus corpos sempre sexuados, mundo que é uma construção sociopolítica, histórica e cultural de seres humanos, dialeticamente vistos como seres únicos e parte da sociedade ao mesmo tempo, produtores e produzidos nas e pelas relações sociais, mesmo que a maioria aparentemente assim não se perceba.

Neste entendimento, uma abordagem de educação sexual na perspectiva emancipatória é visualizada como uma intervenção qualitativa, intencional, no processo educacional que sempre está ocorrendo nas relações sociais. Essa abordagem mostra-se como um veio temático político-pedagógico fundamental que busca desalojar certezas, desafiar debates e reflexões, posturas fundamentais na busca do desenvolvimento pessoal do ser humano como um ser corporificado, sexuado, contribuindo na busca de cidadania para todos.

Você sabe o que é paradigma?

Paradigma é um tipo de visão de mundo individual e coletivo. Essa visão sempre se expressa no fazer cotidiano, mesmo que não tenhamos consciência disso. No processo educativo que sempre existem outros seres humanos, processo esse também de educação sexual, há um paradigma subjacente sempre. Esse paradigma se expressa no que autores chamam de vertentes pedagógicas de educação sexual.

Assim, essa abordagem sócio-histórico-crítica da dimensão humana da sexualidade tem como ponto de partida o entendimento de que "sem dúvida, a repressão sexual e a repressão sociopolítica nascem do mesmo tronco e crescem juntas, como tristes irmãs gêmeas", bem como de que "a luta pela liberdade é, portanto, a luta por Eros, e a luta por Eros é sempre uma luta política", como afirmava Bernardi (apud MELO, 2001, p.12).

Carvalho (2007) relembra que anteriormente a Nunes, Goldberg (1988, p. 82 -83) já propunha a educação sexual política e libertadora, que se caracteriza por uma constante luta contra a desigualdade sexual, a violência sexual e o preconceito sexual, em prol da liberdade sexual que consiste "no exercício de uma sexualidade liberada (da culpa no plano pessoal) e libertada (da opressão, no plano social)"; portanto, libertadora social e historicamente.

A partir dessa definição é importante você pensar o que seria um paradigma de educação sexual emancipatória.

Não existem receitas, já que é tudo uma construção pessoal e social, mas certamente podemos dizer que é uma busca da reconstrução consciente e participativa de um saber amplo e universal sobre a dimensão humana da sexualidade, sem distinção de qualquer ordem, e essa reconstrução deve começar dentro de cada um, espraiando-se para o coletivo. Não pode ser apenas uma reprodução acrítica do que está posto na sociedade.

Será uma busca constante de um despertar da consciência crítica, ajudando as pessoas a escolherem seus caminhos sem amarras, sem medos, e com conhecimento de sua importância nas diversas relações sociais. Como registra Pocovi (2000, p.91) "cada ser humano tem seu lugar nesta busca de discutir teórica e historicamente a sexualidade humana".

Melo (2001) alerta que, na busca da utopia da emancipação do ser humano, não podemos esquecer que profundas transformações ocorreram e estão ocorrendo cada vez mais rapidamente e continuamente em nossa sociedade. Transformações essas que se refletem nos valores, nos comportamentos, na literatura, na linguagem, nas músicas e filmes, na *internet* etc. O avanço científico e tecnológico, de um lado, e do outro, a "mercadorização" dos corpos e de sua sexualidade também influíram e influem poderosamente como determinados-determinantes, em todas as dimensões do ser humano, inclusive na sexualidade nas várias linguagens midiáticas, como bem demonstram as várias vertentes pedagógicas de educação sexual já vistas por você.

> E o tema da educação sexual do ser corpo humano pleno, cidadão, já está até fartamente discutido e anunciado. Mas, na maioria das vezes, sem desvelar o fundamental: sempre se praticou e se pratica uma educação ou deseducação sexual entre seres humanos. Seres estes corporificados em sua inserção no mundo, resultado das relações sociais entre os homens nos vários modos de produção que existiram, e no atualmente vigente. Para avançarmos na construção de um paradigma emancipatório é imperioso que pensemos profundamente sobre essa questão: o que é educação sexual? O que significa educar sexualmente? Quais os instrumentos, meios, fins envolvidos? Quem pode "educar" sexualmente, ensinar o quê? Como fazê-lo? Quem serão esses/essas educadores/as? Educadores/as sexuais somos todos nós, seres humanos! Então, a quem interessa cada tipo de educação sexual? A quem interessa negar os corpos das pessoas, reprimi-los e torná-los dóceis? Ou, então, expô-los como mercadorias?. (MELO, 2001, p.37).

Essas reflexões podem nos ajudar a desvendar qual o paradigma subjacente a nossa maneira de compreender e viver a nossa sexualidade e a procurar reconstruí-lo.

Para que esse novo "olhar" possa apontar para uma abordagem emancipatória da vida, vida esta sempre sexuada, alguns indicadores podem ser observados:

» Há que se partir de uma segura metodologia de análise da realidade social que não se limite a uma compreensão ético-religiosa da conjuntura, mas que consiga entender a dimensão estrutural dialética da produção da vida social. Assim, a questão da sexualidade deixará de ser vista como um objeto apenas da religião, da psicanálise, ou da psicologia etc. passando a ser compreendida como uma questão estrutural, parte indissociável do contexto social, fruto das relações sociais entre as pessoas. Nesse enfoque, a sexualidade não é anomalia, patologia, disfunção e nem coisa acidental, mas é entendida como um complexo de valores, modelos, comportamentos, padrões socialmente construídos de acordo com agentes específicos. Uma abordagem emancipatória pressupõe desvendar esses modelos e projetar a ruptura de ordens estabelecidas, se assim for a decisão do individual coletivo, na busca de um novo que aponte para uma sociedade nova que estabeleça a igualdade, atendendo à diversidade cultural, com uma nova compreensão da dimensão sexualidade como parte indissociável dos direitos humanos no processo de construção da cidadania.

» Como o processo de construção da cidadania percorre um caminho que se inicia com a formação da identidade - quem sou eu?- e da autoestima, passando das aprendizagens básicas para a convivência, buscando a solidariedade e a participação social; isto não é uma conquista nem uma concessão ou dádiva, é um processo que passa pelo caminho de uma transformação pessoal, sendo que essa mudança é sempre parte de um processo maior de transformação coletiva, tendo como eixo norteador a ação do ser humano como sujeito-cidadão.

» Para isso, temos de ter sempre presente que o lugar do ser humano no mundo é a sua corporeidade, não apenas como equipamento psicofísico ou conjunto anatômico, mas como nó de significações

vivas. É o corpo o lugar híbrido da natureza e da cultura. Gonçalves (1997, p.89) propõe ao homem "estar aberto ao mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar o corpo na intimidade do Eu: sua beleza, sua plasticidade, seu movimento, prazer, dor, harmonia, cansaço, recolhimento e contemplação.(...) Ser-no-mundo com o corpo significa movimento, busca e abertura de possibilidades, significa penetrar no mundo e, a todo momento, criar o novo". Há que se recuperar uma significação mais lúdica, livre, para o corpo, deixando de lado a concepção anacrônica, muitas vezes ainda vigente, que coloca o corpo como oposição, vendo nele todo o princípio do mal, da maldade, da malícia, da luxúria, templo do pecado, lugar de perdição, prisão do homem... Por exemplo, Santo Agostinho, filósofo, foi um dos que afirmou que o corpo é prisão da alma e fonte do que julgamos ser o Mal.

Para aprofundar essa questão da dicotomia corpo-mente, leia o artigo **A construção da dicotomia corpomente**, de Melo, S.M.M. 2001. Esse artigo também estará disponível na midiateca do AVA da disciplina. Nesse mesmo espaço você encontrará sugestões de outras leituras interessantes sobre o tema.

» Ao reencontrar-se com sua corporeidade, o ser humano vê ampliada suas possibilidades de reassumir-se cada vez mais como sujeito pleno. E, ao sujeito pleno, fica mais fácil lutar pela liberdade de escolha de seus caminhos. Assim, não será tão facilmente manipulado para escolher a liberdade que lhe é proposta por alguém. Um indicador, portanto, de que estamos trilhando o caminho da busca do emancipatório em educação sexual será aquele representado pelo cuidado que tivermos em nossas vivências pedagógicas para que o ser humano tenha efetivamente a liberdade de escolha, mesmo que essa escolha seja diferente da sua ou da minha, por exemplo. É preciso se ter cuidado para que, em nome da emancipação, não se defina previamente qual a "liberdade" que o Outro deva escolher.

Você viu, então, alguns dos indicadores que podem apontar para a construção de um paradigma emancipatório de educação sexual. Com base nessas "pistas", já temos condições de fazer uma reflexão crítica sobre nossa vivência pessoal e pedagógica no intuito de revê-la na busca de um constante aperfeiçoamento.

> A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós esta volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente. (FREIRE apud RIBEIRO, M. 1993, p.2).

A seção a seguir discute sobre o paradigma de educação sexual na perspectiva emancipatória dos direitos humanos universais. Direitos esses que perpassam sua vida, mais especificamente o seu cotidiano escolar. Vamos conferi-los?

Seção 3 –Direitos sexuais como direitos humanos universais e como expressão de um novo paradigma

Objetivos de aprendizagem

» Conhecer a expressão atual da vertente pedagógica mundial de educação sexual do paradigma emancipatório e o entendimento dos direitos sexuais como direitos humanos universais.

Você viu nas seções anteriores, que sempre existem visões de mundo brotando das relações sociais entre os seres humanos sexuados, cada qual com seu consequente paradigma de vida e de educação e, inserido nele, uma visão pedagógica de educação sexual, mesmo que não tenhamos consciência plena disso.

Vimos também uma síntese das várias vertentes pedagógicas desses paradigmas e apontamos indicadores de uma proposta de um paradigma emancipatório de educação sexual.

Na sequência, as reflexões propostas permitirão a você desvelar um pouquinho do paradigma de educação sexual que perpassa sua vida, mais especificamente o seu cotidiano escolar. Os resultados das suas observações, reflexões e registros nas atividades propostas podem ter apontado para uma comunidade escolar que já está vivendo um processo de educação sexual mais consciente, mais crítico, mais emancipatório ou não. O importante é que você e a sua comunidade comecem a observar com bastante atenção essa questão, procurando realizar um diagnóstico como ponto de partida para a inserção explícita, intencional, do tema no projeto político pedagógico da escola.

Para auxiliá-lo/a a levar para o seu cotidiano, a partir de suas reflexões pessoais, alguns instrumentos pedagógicos que possam provocar e ampliar o debate sobre a temática, o objetivo dessa seção é que você conheça uma expressão atual da vertente pedagógica mundial de educação sexual do paradigma emancipatório: o entendimento dos direitos sexuais como direitos humanos universais.

Um pouquinho da história do surgimento dessa Declaração: da luta de muitas pessoas das mais diversas profissões e áreas de atuação, em muitos países, por muitos anos, em defesa de uma educação cidadã que incluísse intencionalmente propostas de educação sexual emancipatória, foi construída e aprovada, em plenário do XV Congresso Mundial de Sexologia, realizado na China em 1999, um documento que está sendo divulgado no

planeta e que lista princípios em que constam, com muita propriedade, clareza e beleza, **os direitos básicos de liberdade, igualdade na diversidade, saúde sexual e educação sexual do ser humano.** Essa Declaração foi escrita e formulada originalmente em língua espanhola, em Valência (1997), no XIII Congresso Mundial de Sexologia, sendo traduzida posteriormente para várias outras línguas no mundo todo. A Declaração é base de muitos outros documentos universais, como, por exemplo, documentos da Organização Mundial da Saúde.

Surge esse documento, como mais uma conquista em benefício da humanidade e visa a uma melhor qualidade de vida para todos, ampliando o leque de direitos e deveres do/a cidadão/ã, por isso a necessidade de torná-lo cada vez mais conhecido e respeitado, principalmente pelos educadores/as.

Para nós, a declaração é uma expressão coletiva mundial muito viva e marcante de um novo paradigma emancipatório de vida e de educação sexual. Dada sua importância para a busca da construção permanente de cidadania para todos/as, é fundamental que cada um de nós a conheça e a utilize em nossas vidas.

A seguir conheça a Declaração:

Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Humanos Universais

A sexualidade é uma parte integral da personalidade de todo ser humano. Seu desenvolvimento pleno depende da satisfação de necessidades humanas básicas como desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, ternura e amor. A sexualidade é construída através da interação entre o indivíduo e as estruturas sociais. O desenvolvimento pleno da sexualidade é essencial para o bem-estar individual, interpessoal e social. Os direitos sexuais são direitos humanos universais baseados em liberdade, dignidade e igualdade entre os seres humanos dado que a saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual deve ser um direito humano básico. Para assegurarmos que os seres humanos das sociedades desenvolvam uma sexualidade saudável, os seguintes direitos humanos devem ser reconhecidos, promovidos, respeitados e defendidos por todas as sociedades, de todas as maneiras.

A saúde sexual é o resultado de um ambiente que reconheça, respeite e exerça estes direitos sexuais:

1) Direito à liberdade sexual: A liberdade sexual diz respeito à possibilidade de os indivíduos expressarem seu potencial sexual. Aqui, no entanto, excluem-se todas as formas de coerção, exploração e abuso em qualquer época ou situação da vida.

2) Direito à autonomia sexual: à integridade sexual e à segurança do corpo sexual. Este direito envolve a habilidade de uma pessoa para tomar decisões autônomas sobre a própria vida sexual em um contexto de ética pessoal e social. Também inclui o controle e o prazer de nossos corpos, livres de tortura, mutilação e violência de qualquer tipo.

3) Direito à privacidade sexual: o direito às decisões individuais e aos comportamentos sobre intimidade, desde que não interfiram nos direitos sexuais dos outros.

4) Direito à igualdade sexual: liberdade de todas as formas de discriminação, independentemente de sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião, deficiências mentais ou físicas.

5) Direito ao prazer sexual: o prazer sexual, incluindo autoerotismo, é uma fonte de bem-estar físico, psicológico, intelectual e espiritual.

6) Direito à expressão sexual: a expressão sexual é mais que um prazer erótico ou atos sexuais. Cada indivíduo tem o direito de expressar a sexualidade através de comunicação, toques, expressão emocional e amor.

7) Direito à livre associação sexual: significa a possibilidade de casamento ou não, ao divórcio e ao estabelecimento de outros tipos de associações sexuais responsáveis.

8) Direito às escolhas reprodutivas livres e responsáveis: é o direito de decidir ter ou não filhos, o número, o tempo entre cada um, e o direito total aos métodos de regulação da fertilidade.

9) Direito à informação baseada no conhecimento científico: a informação sexual deve ser gerada através de um processo científico e ético, disseminado em formas apropriadas e em todos os níveis sociais.

10) Direito à educação sexual compreensiva: este é um processo que dura a vida toda, desde o nascimento pela vida afora, e deve envolver todas as informações sociais.

11) Direito à saúde sexual: o cuidado com a saúde sexual deve estar disponível para a prevenção e tratamento de todos os problemas sexuais, preocupações e desordens. Os Direitos Sexuais são Direitos Humanos Fundamentais e Universais. Declaração aprovada pela Assembleia Geral da Associação Mundial de Sexologia. WAS, em 26 de agosto de 1999, no XIV Congresso Mundial de Sexologia. Hong Kong/China.

Reflita sobre esta questão

O que você achou do paradigma subjacente ao teor da declaração?
Quais os reflexos desse paradigma em nossa vida?
Registre seus comentários no espaço abaixo:

____

A importância da Declaração é referendada também pelo fato de que estamos vivendo um triste paradoxo nesse nosso período histórico: existem, hoje, muitos avanços significativos no que diz respeito à valorização da vida humana, mas paralelamente ocorre o aumento da miséria e da exploração do ser humano pelo seu semelhante.

Na medida em que a globalização avança e todas as culturas e valores entram em contato em todas as partes do planeta, a questão dos direitos humanos universais, dentre eles os direitos sexuais, passa a ser cada vez mais importante. E toda essa questão não pode ficar ausente da formação do/a educador/a e dos debates no espaço escolar.

Antes de seguir, vamos a uma atividade que ajudará você a refletir para seguir:

1. A vida frente aos direitos sexuais

Tem sido colocada, pela mídia brasileira, e mesmo pela mundial, a preocupante incidência de casos de abusos e violência sexual contra crianças e adolescentes. Esses dados têm certamente preocupado a todos nós educadores/as. Como o cotidiano escolar é, muitas vezes, um espaço em que esses casos podem ser identificados e denunciados aos órgãos competentes, retome a leitura da Declaração e registre, a seguir, quais de seus 11 direitos podem amparar a defesa dessas pessoas vitimadas.

2. Declaração X prática pedagógica

É fundamental que ocorra o debate sobre o tema Direitos sexuais como direitos humanos universais, na comunidade escolar. A partir do conhecimento que você tem de sua escola, registre algumas atividades que você poderá propor, coordenar, assessorar, realizar etc., com seus/suas colegas, familiares, alunos/as, usando o texto da Declaração.

Registre suas reflexões e sínteses nas linhas abaixo:

A seguir, você estudará sobre os direitos à educação sexual, tendo na escola um espaço de vivência sexual compreensiva, conforme proclama o item 10 da Declaração dos direitos sexuais como direitos humanos universais.

Seção 4 – Direitos à educação sexual compreensiva na escola

Objetivos de aprendizagem

» Identificar a escola como um espaço possível para a vivência de uma educação sexual compreensiva.

Você certamente já percebeu que a Declaração é um instrumento pedagógico de grande valia para auxiliar a escola em sua busca por vivenciar uma educação sexual calcada em um paradigma emancipatório. Mais especificamente, os artigos 9 - do direito à informação baseada no conhecimento científico - e o 10 - do direito à educação sexual compreensiva – amparam com muita propriedade toda atividade planejada para rever e reconstruir a caminhada da comunidade escolar nessa direção.

A partir de uma reflexão crítica do coletivo da escola, essas diretrizes, secundadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, em seus temas transversais, quando tratam do que chamam "Orientação Sexual", podem servir de base para um planejamento participativo de projetos de educação sexual, em uma perspectiva de intervenção qualitativa, intencional, no processo em andamento nas escolas.

Esse objetivo e as atividades pedagógicas daí decorrentes serão muito facilitados com a inserção da temática nas discussões e decisões do Projeto Político Pedagógico de cada escola. Para aprofundar um pouco mais esse assunto, o objetivo, nesta seção, é incentivá-lo/a a identificar a escola como um espaço possível para a vivência de uma educação sexual compreensiva.

Você já deve ter percebido que a questão da educação sexual nas instituições educacionais não pode ser deixada "de lado" em processos de planejamento e avaliação. Essa temática deve ser incluída necessariamente, **explicitamente**, já que implicitamente como tema transversal, sempre está presente no cotidiano, saibamos ou não, queiramos ou não, é necessário inseri-la, portanto, intencionalmente, em todas as etapas e fases do planejamento escolar.

Também, na educação sexual há que estar delineada a **nossa utopia** - quem queremos ser em relação a essa temática - a partir de um **sólido diagnóstico** - quem efetivamente "somos", em relação ao assunto naquele momento - e o que poderemos fazer para diminuir a distância entre o que somos e o que queremos ser - **a programação de nossos projetos**.

Um dos primeiros passos para iniciar essa caminhada passa pela nossa reflexão de que a educação como um todo e principalmente a educação institucionalizada transmitem a ideia, em suas vivências, de que a escola é "assexuada". Na maioria das vezes a educação sexual acontece na escola por meio de um currículo oculto embora esteja sempre sendo vivenciada no cotidiano escolar.Quase sempre tal currículo não é desvelado e muitas vezes, não é nem percebido.

Como trabalhar com essa questão? Quem nos dá uma boa "pista" é Paulo Freire, quando lembra que a educação reflete a estrutura de poder; daí a dificuldade que tem um educador dialógico para atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo.

Assim, também a educação sexual, como parte indissociável do processo educacional, reflete essa estrutura de poder e apresenta dificuldades para o educador dialógico atuar coerentemente em uma estrutura que nega esse diálogo. Algo fundamental, porém, pode ser feito: iniciar dialogando sobre a negação do próprio diálogo em educação sexual.

Na escola, essa atitude seria desafiar a comunidade a refletir sobre a negação da discussão sobre sexualidade. Esse pode ser o primeiro passo para iniciar o processo de reflexão em várias de nossas escolas.

Para desafiar-nos a isso, podemos "pegar carona" na pergunta de Guimarães (1995, p.20): "se a escola é o lugar onde se prepara para o mundo adulto, por que o aluno deve penetrar em tal mundo encarando o sexo como uma aprendizagem oculta, como um segredo?"

Para que tenhamos bem claro que a escola é o local onde sempre ocorre educação sexual (mesmo que, dependendo da ótica e do paradigma de quem olha para essa questão, possa haver a consideração de que se está fazendo uma des-educação sexual ou uma educação sexual), assim como ocorre em todos os espaços de relações sociais, necessário se faz que você reflita conosco, e depois com seus/suas colegas, na turma, e posteriormente, também na sua comunidade escolar, essa afirmação de Guimarães (1995, p.20): "a escola tem sempre potencial (e pratica) uma boa ou má educação sexual e está irremediavelmente comprometida com uma das duas posturas".

Podemos acompanhar também o alerta de Suplicy (apud RIBEIRO, 1990), quando lembra que chegamos todos às escolas, inclusive as crianças, com "todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo"; na escola, dúvidas, crendices e posições negativas são transmitidas aos colegas.

Veja se você reconhece algumas de nossas atitudes, em nossas escolas, na seguinte descrição que Suplicy (1983) faz do cotidiano escolar: "quer nós queiramos ou não, a educação sexual está ocorrendo nas escolas. Atrás das portas, nos banheiros, nos grafites, na pornografia e através de atitudes de professores que não têm o menor preparo para lidar com esse tipo de solicitação" (Suplicy, 1983, p. 17).

Leia, a seguir, alguns alertas importantes, extraídos de Guimarães (1995), que precisamos considerar quando entendemos a escola como espaço permanente de educação sexual e iniciamos a revisão desse processo educacional vivenciado nesse espaço, tendo como meta uma educação sexual compreensiva calcada em um paradigma emancipatório.

1. A estrutura escolar habitualmente está desvinculada da comunidade, com decisões centralizadas, com comunicação burocratizante, com pobreza de recursos materiais, com recursos humanos despreparados e programas descontínuos. Tudo isso pode levar a uma postura repressora, de normatização rígida, com estereotipia de gênero, sexismo, desinformação e ausência de diálogo também na área de educação sexual, já que esta é dimensão inseparável do existir humano. Isto significa que esta dimensão é parte também das relações educativas sejam quais e como forem.

2. A educação sexual intencional na escola apresenta um grande risco, se não tiver segurança em sua busca de vivenciar uma educação sexual compreensiva. Trata-se do risco de:

    » tornar-se essencialmente repressiva se oficializada ao acaso, sem o devido planejamento e preparo coletivo pela e da comunidade escolar;

    » ser algo para higienizar, para esterilizar, para curar;

    » reduzir o sexo apenas a sua dimensão biológica;

» embarcar no viés do sexo "desempenho": como atingir o orgasmo? Mascarar a repressão numa vertente em que a sexualidade "é um problema a ser resolvido, magicamente";

» tornar a educação sexual apenas um meio de levar o jovem ao comportamento reprodutivo adequado a uma política demográfica de controle e não de planejamento familiar.

Mas, afinal, o que é educação sexual?

No quadro a seguir, apresentamos o conceito de educação sexual segundo vários autores/as.

Ferrer (1992)	"Educação sexual é parte da educação geral que incorpora os conhecimentos biopsicossociais da sexualidade, como parte da formação integral do educando. Seu objetivo básico é atingir a identificação e integração sexual do indivíduo e capacitá-lo para que crie seus próprios valores e atitudes que lhe permitam realizar-se e viver sua sexualidade de uma maneira sã e positiva, consciente e responsável dentro de sua cultura, sua época e sua sociedade". (FERRER, 1992, p.37).
Ribeiro (1990)	A educação sexual - constituída pelo e em processos culturais contínuos que, desde o nascimento, de uma forma ou de outra, direcionam os indivíduos para diferentes atitudes e comportamentos, ligados à manifestação de sua sexualidade. Essa educação é dada indiscriminadamente na família, na escola, no bairro, com os amigos, pelos meios de comunicação etc. É a própria evolução da sociedade que determina os padrões sexuais de cada época e, consequentemente, a educação sexual do indivíduo. (RIBEIRO, 1990).
Vasconcelos (1971)	"Educação sexual é abrir possibilidade, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais e suas possibilidade significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência". (VASCONCELOS, 1971, p.111).

Suplicy (1981)	"Educação sexual será o processo de preparar os orientandos para tomar suas próprias decisões entre uma variedade de alternativas concorrentes, sempre tendo como parâmetros os valores unânimes de uma sociedade democrática: honestidade, ausência de exploração, respeito pela integridade do outro, pela condição do outro, respeito por si mesmo, igualdade de direitos entre o homem e a mulher". (Folha de São Paulo, 1981, p.3).
Nunes (1987)	"A educação sexual não é uma mera questão técnica, mas, sim, uma questão social, estrutural, histórica". (NUNES, 1987, p.14). "Só é possível a educação sexual em uma perspectiva dupla: de um lado, crítica de todas as construções, significações, modelos históricos e sociais, que envolvem as proibições, os interditos e permissões; e, de outro, o pessoal, o afetivo, o existencial, que a educação tecnicista tende a sufocar num discurso objetivo e distante. Deve-se buscar o justo meio de transmitir esta contradição de maneira honesta e significativa". (idem, p.18).
Werebe (1998)	"Uma autêntica educação sexual deve ter objetivos amplos: oferecer à criança e aos jovens a possibilidade de compreender as dimensões e significação da sexualidade, de maneira a integrá-la positivamente na personalidade, a contribuir para que possam realizar projetos de vida pessoal e social como seres sexuados". (WEBERE, 1998, p. 163).
Cabral (1995)	"O educador que se ocupar desta tarefa – educação sexual – necessita conhecer a si próprio, conhecendo a história do homem e das sociedades através dos tempos. A isto poderíamos chamar de atitude socrática. E neste sentido, como as práticas amorosas e sexuais também se expressam, sendo elas produtoras da história e da cultura". (CABRAL, 1995, p. 154)
Melo (2011)	"Os seres humanos se educam na relação, mediatizandos pelo mundo, como disse Paulo Freire. Portanto, toda relação humana, sempre social, é sempre educativa. E sempre sexuada, já que a dimensão sexualidade é inseparável do existir humano, sempre sexual, portanto é também educação sexual: processo constante existente entre os seres humanos. Todos educam todos queiram ou não, saibam ou não...". (entrevista com a autora).

Quadro 2.2 - Reflexões sobre educação sexual

O que você acha de utilizar essas reflexões que fizemos até agora como subsídios pedagógicos em seu cotidiano escolar? Poderão ser utilizados quando vocês estiverem debatendo a questão da escola como um espaço possível para a vivência de uma educação sexual compreensiva. Mãos à obra!

Lembre-se sempre de que a educação sexual emancipatória não é mera reprodução do que está posto na sociedade e, sim, a reconstrução consciente e participativa de um saber amplo e universal, sem distinção de qualquer ordem. E essa reconstrução deve recomeçar dentro de cada um, espraiando-se para o nível coletivo.

Provocação intencional...

1. Leia e reflita sobre a colocação de Bernardi (1985, p.9) de que

> A educação sexual é um falso problema porque, se uma criança aprende sozinha a ler e a escrever, todos se alegram com isso; mas, se uma criança aprende sozinha o que é seu corpo, o seu sexo, o seu prazer, e por isso mesmo também o amor, ficam todos horrorizados. Queremos, nós mesmos, ensinar-lhe e do nosso modo. Assim, inventamos a educação sexual. Ou melhor, inventamos o problema da educação sexual. Portanto, a educação sexual é um problema porque assenta- se numa estratégia pedagógica mais ampla de socialização para a apatia, exercitada seja na família, seja na escola, seja nos programas políticos, seja na sociedade em geral. Vivemos uma cultura “sexofóbica” e repressiva.

Registre o resultado da sua reflexão e, quando solicitado, insira-o no AVA da Disciplina.

2. Família e educação sexual

Leia o texto complementar sobre o assunto no final deste capítulo no item "Para aprender mais", irá ajudá-lo/a a refletir sobre o contexto estudado. Registre suas conclusões sobre a leitura deste texto no espaço a seguir:

Para concluir esta seção é importante dizer que todo e qualquer processo educacional, principalmente o escolar, não pode prescindir do trabalho integrado entre escola e família. Essa integração é fundamental na questão da compreensão de um processo de educação sexual compreensiva.

O estudo continua! Vamos à próxima seção! Nessa, você terá a oportunidade de estudar sobre os vários indicadores pedagógicos que subsidiarão a construção de projetos intencionais de educação sexual compreensiva no cotidiano escolar. Concentre-se na leitura e faça as suas sínteses!

Seção 5 –Educação sexual compreensiva no cotidiano escolar

Objetivos de aprendizagem

» Reconhecer vários indicadores pedagógicos necessários para subsidiar a construção de projetos intencionais de educação sexual compreensiva no cotidiano escolar.

Você já compreendeu que a escola, ou qualquer outra organização educativa que busque vivenciar um paradigma emancipatório, é um espaço possível de vivências de uma educação sexual compreensiva. Identificou também que o processo, na escola, ou em outras organizações ou grupos, deve buscar refletir a dinâmica da sexualidade a partir da visão do ser humano como um todo, em suas dimensões de pessoa e cidadão, promovendo a sexualidade como um bem individual e social, construído historicamente pelos homens em suas relações sociais, ao produzirem seu modo de vida.

Percebeu, ainda, que muitos são os caminhos que podem levar a comunidade escolar - em sua riqueza de diversidade cultural expressa pelas pessoas que a constituem - a viver novos projetos na área.

Para auxiliá-los nessa caminhada, **o objetivo**, nesta seção, será o de que você possa **reconhecer vários indicadores pedagógicos necessários para subsidiar a construção de projetos intencionais de educação sexual compreensiva no cotidiano escolar.** Cabe registrar também que todos os indicadores apontados para a escola podem ser utilizados por qualquer outro tipo de comunidade educativa.

A seguir, você conhecerá os indicadores pedagógicos que consideramos fundamentais para subsidiar a construção de projetos intencionais que visem a uma educação sexual compreensiva no cotidiano escolar.

Lembre-se de que a bagagem informal, entendida como os elementos que a comunidade ou grupo já possuem, é o ponto de partida. É o famoso diagnóstico. As informações e posturas que as pessoas trazem são as demarcações para o início da reconstrução do processo e, consequentemente, dos projetos. Há, portanto, que se usar todos os meios disponíveis para fazer um bom diagnóstico inicial.

1. A fase de reelaboração dos conhecimentos deve ocorrer sempre dentro de um contexto o mais participativo possível.

Isso porque, quando o processo de planejamento do projeto político pedagógico da escola também contempla o tema da educação sexual, e os projetos dele decorrentes partem da realidade e da situação específica de cada grupo, é bastante provável que:

» os conteúdos sejam de interesse real;

» as formas de trabalhar sejam apropriadas;

» seja mantida uma coerência entre a forma de apresentação e a filosofia educativa a ser transmitida;

» o processo seja motivante e enriquecedor.

2. É preciso procurar envolver toda a comunidade ou grupo na discussão, mesmo que o interesse e o compromisso partam de um grupo menor. Os educadores que pretendem mediar, articular, coordenar o processo devem procurar debater antecipadamente entre si e ter um consenso básico sobre a metodologia de participação a ser proposta para a comunidade, partilhando objetivos que foram definidos conjuntamente.

3. É necessário levar em consideração, no mínimo, três etapas básicas a seguir detalhadas.

a) Etapa de sensibilização da comunidade sobre a importância da educação sexual. Todos os espaços são válidos para vivenciar essa etapa: debates, reuniões, questionários, entrevistas, para tirar dúvidas e colher material para delinear o diagnóstico, o que a comunidade ou grupo pensa sobre a questão. Nessa fase, não devemos esquecer que a equipe que está mediando e articulando o processo deve estar se reunindo sistematicamente para estudar a fundamentação teórica e para organizar esse diagnóstico. O estudo e a realimentação desse grupo deve ser permanente.

A partir daí, é possível retomar a discussão do tema no projeto político pedagógico existente na comunidade ou no grupo, para discuti-lo e aperfeiçoá-lo junto a quantas mais pessoas for possível, em um permanente movimento de mudança. (Lembre-se sempre dos três momentos de qualquer planejamento: utopia, diagnóstico e programação/projetos).

Essa retomada de discussão calcada no diagnóstico junto a um grupo maior de pessoas da comunidade fundamenta as nossas decisões coletivas sobre o projeto, ou os projetos de educação sexual e suas etapas para um determinado período, sempre à luz do Projeto Político Pedagógico da escola, o chamado PPP.

b) Etapa da execução ativa do planejado, pelos caminhos metodológicos definidos coletivamente.

c) Etapa de avaliação, fundamental nesse processo. A avaliação deve ser realizada permanentemente pelo grupo coordenador e, no mínimo, ao final de cada semestre, toda a comunidade deve ser chamada a avaliar, para reorientar os rumos do PPP como um todo e de cada um dos projetos dele derivados, inclusive os de educação sexual.

Esse tema não é parte desta disciplina, mas mesmo assim, vamos lembrar, a seguir, um modelo básico de um projeto de educação sexual que busca ser parte de um processo:

» justificativa, objetivos (geral e específicos);

» programa ou etapas (o que, quando, onde, para quem, responsável, material, recursos a serem providenciados);

» avaliação das etapas;

» cronograma geral, quadro de custos (para solicitar apoio);

» avaliação do projeto como um todo;

» bibliografia básica.

Esses são alguns dos instrumentos pedagógicos básicos para nortear a construção de projetos de educação sexual compreensiva no cotidiano escolar.

Você deve ter percebido que, apesar de serem indicadores que realmente apontam para essa possibilidade, apenas farão sentido se forem expressão de uma real vontade política da comunidade de buscar mudanças e vivenciar novos paradigmas educacionais que respeitem a dignidade humana. Só assim estaremos dando sentido a essa educação.

Sabe por quê?

Quem nos responde a esse questionamento é Paulo Freire (2000, p.40) quando registra que

> A educação tem sentido porque as mulheres e os homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que ainda não sabem. A educação tem sentido por que, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. Se as mulheres e homens simplesmente fossem, não haveria porque falar em educação.

Você está acompanhando até aqui? Vamos dar uma conferida.

1. Procurando indicadores emancipatórios...

Sobre a questão da educação sexual em seu cotidiano escolar, observe atentamente sua comunidade e registre, quais dos indicadores pedagógicos tratados na seção 5 já estão acontecendo em sua escola, mesmo que não organizados em projetos específicos e sistemáticos.

2. Registrando as boas notícias...

Utilize o espaço a seguir para registrar o resultado de suas observações.

3. Sobre a prática pedagógica...

Retorne ao que você observou em sua comunidade escolar. Quais indicadores pedagógicos sugeridos na seção 5 ainda são inexistentes no seu cotidiano escolar, mas que, na sua percepção, já poderiam começar a ser vivenciados em sua escola no que se refere à educação sexual?

Registre cada um deles, seguido de suas sugestões de como já poderiam ser colocados em prática.

4. Observação da sua comunidade

A partir do conhecimento que você obteve até aqui nas atividades de observação da sua comunidade escolar em relação à temática educação sexual, elabore um esboço de projeto de educação sexual compreensiva que você gostaria de ajudar a realizar em sua escola. Procure identificar eventuais colegas e outros membros da comunidade que poderão integrar a equipe inicial do projeto.

Comentário:

Temos certeza de que você delineou um bom esboço de projeto de educação sexual compreensiva para sua comunidade escolar. Sabe por quê? Porque você é parte importante dela, conhece essa comunidade com profundidade, ou está se esforçando para isso, está estudando com afinco a temática de educação e sexualidade, tem realizado com muita vontade e disposição as reflexões e atividades até agora propostas por este Caderno, numa postura coerente de educador/a e pesquisador/a. Sugerirmos, portanto, levar seu esboço para ser discutido em seu local de trabalho.

A seguir, leia a síntese do capítulo, realize as atividades de aprendizagem e aprofunde seus conhecimentos no item “para aprender mais”.

Síntese do capítulo

Neste capítulo do caderno pedagógico, você teve a oportunidade de estudar e refletir sobre:

» Os vários paradigmas de educação sexual existentes na sociedade atual e seus reflexos na educação brasileira por meio de várias vertentes pedagógicas.

» Um pouco sobre os diferentes paradigmas de educação sexual existentes na sociedade contemporânea e seus reflexos na educação brasileira, principalmente nas escolas.

» A expressão atual da vertente pedagógica mundial de educação sexual do paradigma emancipatório e o entendimento dos direitos sexuais como direitos humanos universais.

» A escola como um espaço possível para a vivência de uma educação sexual compreensiva.

» Vários indicadores pedagógicos necessários para subsidiar a construção de projetos intencionais de educação sexual compreensiva no cotidiano escolar.

Atividades de aprendizagem

Chegou o momento de sistematizar seus conhecimentos! Leia atentamente as questões que seguem, para em seguida respondê-las. É importante que você as desenvolva a partir daquilo que você aprendeu nesse capítulo. Depois de responder todas as questões consulte os comentários sobre estas duas atividades, que estão disponíveis no final do caderno pedagógico.

Seu cotidiano escolar e a educação sexual.

Esta questão se refere ao estudo da seção 2. Nessa, vamos procurar desvendar um pouco o paradigma de educação sexual existente no cotidiano escolar no qual você está inserido. A partir dos indicadores trabalhados nesta seção, observe atentamente sua comunidade escolar, sua sala de aula etc., em relação à questão da educação e sexualidade. Que análise você faz sobre qual parece ser, no momento, a realidade em sua escola em relação à educação sexual?

a) Destaque, nessa realidade, como está sendo tratada, de maneira geral, a questão da educação sexual. Registre suas constatações.

b) Compare suas constatações com os indicadores de um paradigma emancipatório de educação sexual da seção 2. Registre seu comentário comparativo.

c) Registre sua conclusão - sempre provisória - sobre qual paradigma/s da educação sexual parece estar subjacente em seu cotidiano escolar.

d) Reflita: no seu entendimento, essas afirmações são contraditórias entre si?

Aprenda mais

Este texto amplia os conteúdos estudados na seção 4 deste capítulo. No final dele, há uma questão reflexiva. Leia-o com atenção e registre suas conclusões.

Alguns conceitos sobre o papel da família na educação sexual

Bernardi (1985) afirma que a família habitualmente é uma cópia miniaturizada da sociedade e tende a imprimir na personalidade dos subordinados uma determinada estrutura psíquica aprovada por essa sociedade e, para isso, vale-se de meios sugeridos por ela. O resultado? A fabricação ininterrupta de futuros cidadãos para os quais a autoridade é não só um poder que deve ser servido acriticamente, mas, também, um ideal para ser venerado, e, se possível, imitado. A educação sexual praticada pela família muitas vezes segue as linhas mestras do anteriormente exposto: impõe sua autoridade e governa do alto o exercício da sexualidade dos filhos, ao mesmo tempo em que se apresenta a eles como modelo ideal de comportamento sexual. A família normalmente é especialista em vigilância repressiva. Mesmo pais indulgentes e liberais tornam-se extremamente autoritários quando a questão é a sexualidade dos filhos. A família ideal, nuclear, perfeita, com pai, mãe, filhos e avós, zelosos, diligentes, brincalhões, com filhos dóceis, é apresentada pela mídia. E passa seu tempo brincando, rindo, arrumando a casa, cozinhando, consumindo fantasticamente os mais variados produtos. Lá, nunca ninguém faz amor. Desejos? Relação carnal? Fora de questão. Essa família vende produtos. Colocada, porém, como um exemplo de vida real, é deseducativa.

Já para Guimarães (1995), a família é o núcleo de construção social da sexualidade. É na família que surgem as bases das atitudes sexuais, que são culturais, mais do que inatas. É na família que fervilham as contradições; nela, acontecem os jogos do amor e do ódio, da construção e da desconstrução, da proteção e da violência, sedimentadoras do pensamento dicotômico universal, que coloca as forças da idade e do sexo em contraposição e em disputa.

Fonte: apostila da disciplina Introdução à Educação Sexual, elaborada por Sonia Maria M. de Melo (1997) para o Curso de Pedagogia/FAED/UDESC.

Reflita sobre o texto:

a) Em seu entendimento, essas afirmações são contraditórias entre si?

b) Qual é, para você, o papel da família no processo de educação sexual dos seres humanos?

Na seção 5, você estudou sobre "educação sexual compreensiva no cotidiano escolar".

Teve oportunidade de perceber que somos todos/as educadores/as sexuais, pois estamos vivos e nos relacionando com os outros, educando e sendo educados, deseducando e sendo deseducados, e assim por diante.

Assim, as reflexões que poderemos fazer a partir da leitura do texto a seguir servem a todos nós e mais de perto para aqueles e aquelas que, em projetos específicos de educação sexual, propõem-se a assumir explicitamente um papel intencional de educador/a sexual.

Concentre-se na leitura e faça os registros sobre o tema.

Perfil do educador sexual: algumas reflexões necessárias

Todos somos educadores sexuais, porque estamos vivos e nos relacionando uns com os outros. Mas, é possível estabelecer alguns indicadores para o perfil necessário àqueles que se propõem a uma intervenção intencional e sistematizada em um processo de educação sexual. Veja como alguns/mas autores/as tratam da questão:

Para Lopes (1993),

não é um bom educador sexual aquele que tem as fórmulas ou receitas de uma sexualidade saudável e normal. Seria mais aquele que atua como um facilitador, e não apenas o expositor ou doutrinador, cujas colocações não podem ser pessoais, a ponto de serem consideradas corretas, nem impessoais, a ponto de serem mecânicas. É aquele que explora os conhecimentos dos outros com a finalidade de induzi-los a formar seus próprios valores. E, principalmente, aquele que precisa estar tranquilo quanto a sua própria sexualidade.

Para Guimarães (1995),

não deve ser necessariamente, e apenas, o professor de Ciências, mas, sim, cada educador da escola [e acrescentaríamos, da comunidade], que queira e se preparar para, no seu cotidiano, atuar na temática, envolver-se em projetos. Tal temática não deve ser desenvolvida por pessoas estranhas à escola [ou à comunidade, acrescentaríamos] artificialmente.

Para Bernardi (1985),

existem falsos educadores. Se partirmos da convicção de que é necessário educar para que a criança se comporte bem, o educador é o encarregado de corrigir a natureza humana. Constata-se que quem se dedica à educação sexual, muitas vezes, tem se preocupado, sobretudo, em negar a sexualidade, tanto a sua quanto a dos outros. Na maioria das vezes, é um moderador, não deseja mudanças concretas e radicais, mas apenas aberturas microscópicas que venham consolidar o universo já existente.

Para Ribeiro (1990),

é fundamental trabalhar primeiro com os profissionais que pretendem atuar no processo.

Esse modelo de educador deve:

ter acesso a material para reflexão crítica sobre a temática;

sentir-se bem falando dos vários assuntos, por estar à vontade com sua própria sexualidade;

ter espaços para debater suas dúvidas e angústias, refletir sobre seus valores e conflitos, questionar seus tabus e preconceitos;

buscar ser agente transformador e multiplicador de valores, como qualquer outro educador;

acreditar em sua proposta, buscar ser coerente com ela, ser verdadeiro, sem se achar portador da verdade absoluta;

ter conhecimentos, sem ser onipotente, e ter sensibilidade para perceber as necessidades do outro, procurando elaborar projetos que vão ao encontro dessas necessidades; é um processo de troca.

Para Barroso e Bruschini (1983)

o educador que vai tratar de sexualidade deve sentir-se bem em falar do assunto, deve estar à vontade com sua própria sexualidade, deve ter uma atitude sadia e positiva em relação a ela e a dos demais.

Esse educador deve:

ter muito claro qual será o seu papel, pois isso lhe permitirá decidir se tem condições de assumi-lo, e localizar os aspectos nos quais deve se preparar melhor e adquirir segurança;

estar bem informado e conhecer as melhores fontes para novas informações;

não deve aparentar falsa neutralidade, pois suas atitudes demonstram claramente o que pensa sobre cada assunto;

assumir uma postura sincera e tranquila, sem fazer a apologia de seus valores;

procurar mostrar aos envolvidos todos os fatos e as diversas interpretações existentes, mas expondo sua opinião também, pois os demais envolvidos no processo têm direito de saber o que cada um está pensando, porém sempre enfatizando que a pessoa tem o direito de ter opiniões diferentes, as quais devem ser respeitadas, e que o comportamento e as opiniões de quem coordena, orienta, educa, não devem ser tomado como único modelo;

estimular todo o grupo a se manifestar.

Fonte: Texto extraído da apostila da disciplina. Introdução à Educação Sexual, (1997) por Sonia Maria M. de Melo para o Curso de Pedagogia presencial da FAED/UDESC.

CAPÍTULO 3

Direito à educação sexual compreensiva na infância e na adolescência

Neste capítulo, você irá compreender as manifestações da sexualidade infantil e adolescente como subsídio a uma ação pedagógica emancipatória. E será convidado a refletir sobre o direito à educação sexual compreensiva no espaço escolar.

CAPÍTULO 3

Direito à educação sexual compreensiva na infância e na adolescência

Objetivo geral de aprendizagem

Compreender as manifestações da sexualidade infantil e adolescente como subsídio a uma ação pedagógica emancipatória.

Seções de estudo

Seção 1 – A criança que você foi e a criança que você educa.

Seção 2 – Adolescência e sexualidade.

Iniciando o estudo do capítulo

Refletindo sobre nossa jornada de estudos, temos a expectativa de que as reflexões feitas até agora tenham servido para que você reveja sua história como ser sexuado no mundo junto às outras pessoas também sexuadas, procurando construir uma vida digna e feliz para todos. Esse deve ser também seu objetivo maior como o profissional da educação.

O/a educador/a que você certamente é também já percebeu as possibilidades de vivenciar um paradigma emancipatório de vida e educação em todas as instâncias nas quais você expressa o seu ser sujeito crítico e reflexivo, principalmente no espaço escolar. Espaço este onde ocorre, ou deveria ocorrer, uma luta diária para ajudar a formar cidadãos/ãs livres e responsáveis, por meio de um projeto político pedagógico que se proponha a ser instrumento dessa emancipação que se reflete na temática educação e sexualidade, quando tratada por um processo de inserção de uma abordagem pedagógica de educação sexual compreensiva no cotidiano escolar como um elemento fundamental.

Essa educação sexual compreensiva, no cotidiano escolar, trará benefícios a todos os envolvidos, mas tem como meta maior, assim como tudo na escola, atender nossas crianças e nossos adolescentes em seu direito a uma educação integral, que, para assim ser entendida, não pode negar a sexualidade.

Como apoio aos direitos que esses nossos/as alunos/as de todas as faixas etárias têm de serem assistidos em sua saúde sexual, vamos relembrar agora o que nos diz o artigo 10 da Declaração: “o direito a uma educação sexual compreensiva é um processo que dura a vida toda, desde o nascimento, pela vida afora, e deve envolver todas as informações sociais”.

O nosso objetivo com este capítulo, portanto, será que você compreenda um pouco mais as manifestações da sexualidade infantil e adolescente como subsídio a uma ação pedagógica emancipatória.

Seção 1 – A criança que você foi e a criança que você educa.

Objetivos de aprendizagem:

» Identificar a manifestação da sexualidade infantil.

Como o objetivo desta seção, é o de ajudá-lo/a a identificar a manifestação da sexualidade infantil, inicialmente, você está convidado/a a relembrar, agora, a criança que você foi e como essa criança foi educada sexualmente.

Na sequência, faremos algumas perguntas para refletir e debater o assunto. Vamos lá?

Sobre as suas lembranças de criança, são agradáveis essas memórias?

Esperamos que sim. Mas, se temos lembranças que nos incomodam, e certamente todos/as as temos, em maior ou menor número, é importante lembrar que devem ter acontecido porque nossa vida, em qualquer grupo social a que pertençamos, é, em grande parte, reflexo dos paradigmas existentes no meio social e cultural em que vivemos.

Figura 3.1 - Infância

Todas as vertentes pedagógicas de educação sexual que estudamos perpassam cada um de nós. Assim, tais lembranças também estão presentes nas relações educacionais, seja na família ou na escola. Lembre-se de que todas as crianças são sempre seres sexuados, desde o útero materno, sem exceção, e estão vivendo em suas famílias, que é o meio em que vivem um processo permanente de educação sexual. Sexualidade é parte indissociável da vida, nunca nos esqueçamos disso!

Vamos falar, agora, da criança que você educa!

Você já refletiu sobre por que ainda temos vergonha de falar da sexualidade com as crianças? Não será porque fomos condicionados, educados, a fazer do sexo um mistério ou uma vergonha?

Ninguém se envergonha de falar que está com fome, sede ou que precisa divertir-se, porém não se fala com a mesma liberdade da sexualidade sem sentir algum tipo de desconforto, como se fôssemos culpados de algo e precisássemos esconder essa manifestação. É importante que você pense por que isso acontece com tanta força ainda hoje.

Nunes e Silva (1997, p.14) lembram que nossa tradição cultural ocidental foi construída sobre um enfoque de inspiração medieval, em que acontecia a exaltação da ordem, do poder, da família patriarcal e de valores religiosos que, na maioria das vezes, reservaram um papel específico de negação e consequentemente de violência institucional contra a figura da mulher e da criança, em particular. Os autores chegam a denominar pejorativamente essa matriz colonial de "escravocrata", por atribuir menor valor reduzir a função social de mulheres e crianças, de idosos e de portadores de deficiências.

Será que não reconhecemos, em nosso cotidiano, resquícios dessa matriz? Se ela existe muito forte em nossa vida, por que estamos ainda cortando o pedaço do pernil sem questionar esse ato? Por "tradição"?

Falando em tradição, reflita agora sobre o que registram Nunes e Silva (1997, p.14):

> Nossas tradições pedagógicas e institucionais, sobretudo centradas na família e na escola, sempre enfocaram a infância sobre elementos negativos, autoritários e restritivos. O senso comum, carregado de preconceitos, consagra ainda hoje expressões como "é de pequeno que se torce o pepino" e outras, sempre retratando uma imaginação coletiva de que, pela ordem e austeridade, se "corrigiria" ou modelaria a criança adequada, obediente e ordeira.

Enfim, para buscar a superação desse viés repressor da sexualidade infantil, temos que aprofundar nosso conhecimento sobre essa construção socio-histórico-cultural da vida humana, especialmente no que diz respeito às construções das concepções vigentes no senso comum sobre a criança. Deve ser esse nosso ponto de partida para a construção de um paradigma emancipatório da sexualidade infantil. Busque aprofundar a reflexão sobre esse assunto em leituras complementares que lhe serão sugeridas.

Como registra Melo (2001, 114), vários autores lembram ser hegemônica, hoje, no mundo ocidental moderno, a linha teórica de estudos sobre a criança que afirma existir uma relação radical entre as vivências da infância e o ser no mundo do adulto, concordam com a premissa de Nunes e Silva (1997) de que, "seja o que for que se pretenda ver compreendido no adulto, deverá ser buscado na esteira de sua construção durante a infância, quase sempre vivida no nodal idílio da família patriarcal ocidental". Mesmo alguns teóricos atuais que relativizam o valor atribuído a esse período da vida, insistem em sua fundamental importância, uma vez que ele possui mais significados que o tempo cronológico que o constitui como identidade.

Segundo Melo (2001), é quase unanimidade, hoje, em vários estudos sobre a infância, a existência de um eixo conceitual apontando para importância dessa fase de vida no desenvolvimento da personalidade do adulto. Essa unanimidade, no entanto, fica, no mínimo, "arranhada" ou até, às vezes, tremendamente abalada, quando o assunto é, por exemplo, a sexualidade infantil e seus desdobramentos na construção do adulto sexuado.

Em razão dessa dificuldade que temos para lidar com a temática da sexualidade infantil, na maioria das vezes, escondemos das nossas crianças (ou pensamos que escondemos!) as questões relativas à sexualidade.

Parece ser senso comum entre pais/mães e educadores/as que apenas com a chegada da puberdade dos/as nossos/as jovens é que se inicia o processo de educação sexual, quando, então, somos obrigados/as a "falar sobre sexo" para eles/as. Como se não estivéssemos sempre falando de sexo e sexualidade, pois estamos **vivos**.

Veja no quadro a seguir como o erro de pensar que existe uma hora específica para sobre sexo complicou a vida de um pai amoroso de um menino de sete anos que, tendo sido educado em um modelo muito repressivo em relação à sexualidade, pretendia educar diferentemente seu filho. Esse pai aguardava ansioso e até temeroso, mas já "bem preparado teoricamente", a hora de falar sobre sexo com seu filho, mas ao mesmo tempo desejando que essa hora se anunciasse o mais tardiamente possível.

Figura 3.2- O que é sexo?

Visualize a cena:

Ambos estão na sala de casa: a criança faz suas tarefas escolares, e o pai lê um jornal. Repentinamente o menino interrompe a tarefa e, muito firme e decidido, faz a tão temida pergunta: "Pai, o que é sexo?"

O pai sente um turbilhão de emoções e pensa: "Já? Ele é tão precoce?! O que faço agora? Por onde começo?... Ainda bem que eu me preparei para esse dia!" Respira fundo e, usando todo o preparo construído ao longo do tempo, responde ao filho, expondo, em um falar extenso e complicado, as "verdades da vida".

Seu filho, logo que o esforçado discurso paterno termina, olha confuso para o pai e diz: "como faço para colocar tudo isso que você falou no quadradinho? "Só, então, o pai percebe que a pergunta referia-se simplesmente ao que colocar no quadradinho para marcar se a criança era do sexo masculino ou feminino.

Mesmo que isso não tenha acontecido conosco, na maioria das vezes, apenas fornecemos às crianças e jovens, quando achamos ser o momento adequado, uma tímida informação biológica. Isso supondo que já não fazemos parte da turma da vertente repressiva, que julga tudo relacionado à sexualidade como sendo “vergonhoso, feio, sujo...”, e que, se puder, só emite sobre ela opiniões negativas e pejorativas. Mas se somos educadores que buscam uma educação sexual compreensiva, já estamos conscientes de que o processo de educação sexual sempre existe entre os seres humanos, mesmo que negado ou não consciente.

Vamos conversar um pouco mais sobre como podemos vivenciar essa dimensão humana tão bonita e necessária, em nosso cotidiano escolar com nossas crianças. Lembre-se de que todos nós, crianças, adolescentes e adultos, movemo-nos dentro do mesmo universo sexual, convivendo, partilhando experiências e testemunho. “E não parece haver nenhuma razão para não falar aos mais jovens sobre aquilo que já lhes é mostrado ao vivo”. (VASCONCELOS, 1985, p.5).

Certamente, todos nós queremos que as crianças encarem a sexualidade como algo bom e positivo em suas vidas. Temos obrigação de auxiliá-las para que tenham uma saúde completa, inclusive a saúde sexual, que compreende, como já vimos, muitos aspectos. Como cada geração é educada pela geração que a precede, e temos clareza de que somos uma ou mais gerações, que se reconhecem impregnadas de medos, tabus e preconceitos, a adequada educação sexual de nossas crianças vai depender em muito do nosso grau de superação dessa herança.

Analise a seguir, o mito da cegonha para entender melhor o contexto de nossa discussão nesta seção de estudos.

O mito da cegonha

Será que meu bico de cegonha consegue carregar um bebezinho deste tamanho?

A criança aprende mais sobre tudo observando e copiando as atitudes dos adultos que lhe são significativos
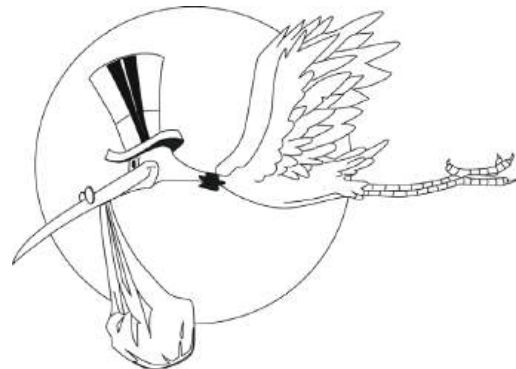
Figura 3.3 - Mito da cegonha

afetivamente, do que obtendo informação tirada de manuais sem nenhuma relação com a sua prática diária.

Falando em prática diária, como está sendo a sua atitude frente a essa questão em sua prática pedagógica? Temos claro que a educação sexual de nossas crianças, assim como a de todos nós, iniciou-se já no útero materno, mas hoje as crianças estão ali, na sua frente, quase todos os dias com você, que é uma pessoa fundamental em suas vidas. Você se lembra com carinho de todas/os os seus/suas professores/as? Quais permanecem em sua lembrança e "em seu coração" e por quê?

A qualidade das relações humanas estabelecidas entre professor/a e alunos/as é a grande educadora sexual ou deseducadora sexual na escola.

Se essa qualidade foi construída por um/a professor/a que, além de respeitar, aceitar e gostar de seus/suas alunos/as e do seu trabalho pedagógico, gosta de si mesmo/a e se conhece, tenta superar seus limites, medos e tabus, é aberto/a às mudanças, à revisão dos resquícios de uma educação sexual repressora e busca permanentemente compreender a complexidade da sexualidade humana, teremos, com certeza, um ambiente de educação sexual compreensiva.

Nesse ambiente, manifestações próprias de sexualidade infantil serão vistas e trabalhadas pedagogicamente de uma maneira construtiva, que contribuirá sobremaneira para uma educação emancipatória. É de extrema importância para todo/a educador/a aperfeiçoar e aprofundar seus conhecimentos sobre as fases do desenvolvimento infantil. O conteúdo da disciplina de Psicologia poderá auxiliá-lo/a nesse aprofundamento. Leituras complementares na área de Biologia Educacional poderão também ajudá-lo/a nesse sentido.

Veja a seguir como algumas dessas manifestações da sexualidade das crianças no cotidiano escolar podem ser apresentadas de uma maneira repressora ou emancipatória, segundo alguns autores/as. A organização a seguir, baseia-se em Nunes e Silva (1997) e Augusto, Costa e Paladino (1991):

Manifestação da sexualidade infantil

1. Manipulação dos órgãos sexuais: mais comum em torno dos 3 ou 4 anos, é uma das mais intensas descobertas infantis.

O que fazemos?

- » Reprimimos, constrangendo a criança, colocamos a criança de castigo.
- » Ordenamos: "tire a mão, é sujo, é feio...", ficamos aterrorizados...

O que podemos fazer? Sugestões...

- » Procuremos ficar serenos, já que sabemos que isso é um comportamento natural da criança.
- » Se a criança se referir as coceiras, brincadeiras, ou coisas do gênero, trabalhemos com ela, orientando-a para essa forma de prazer, pois, para ela, está sendo prazeroso, é gostoso, mas ensinando-lhe que ela deve procurar fazê-lo em particular, não porque "seja errado ou feio", mas porque existem espaços públicos e privados.
- » Tenhamos sempre presente que a masturbação faz parte do desenvolvimento normal de homens e mulheres, desde a mais tenra infância até a idade adulta.

2. Namoro: situação muito comum na escola e nas unidades de educação infantil.

Relatos indicam que, por volta de 4 a 6 anos, muitas crianças indicam e verbalizam no grupo o fato de estarem "namorando" esta ou aquela outra criança. Toma força por volta dos 8 ou 9 anos, sendo um jogo carregado de emoções para a criança. A criança não vive um real namoro, é um pseudo namoro, baseado em imitações da TV e dos estereótipos de namoro do momento.

O que fazemos?

- » Proibimos terminantemente que eles/elas namorem, pois ainda é cedo...
- » Estimulamos, orgulhosos, as manifestações, intervindo com sugestões de atitudes no namoro, à semelhança de um namoro adulto, atitudes não pensadas pelas crianças: por exemplo, insistir para que a criança presenteie seu/sua namorado/a em datas especiais.

O que podemos fazer? Sugestões...

- » Deixá-los viver essa fase tão necessária e passageira, mantendo-os sob uma observação pedagógica discreta calcada no bom senso.
- » Poderá ser uma ótima oportunidade para realizar com a turma toda uma reflexão crítica sobre os papéis sexuais, claro que sempre adequada à faixa etária. Valores como respeito a si mesmo e ao outro são fundamentais de serem vividos e explicitados pedagogicamente muitas vezes no cotidiano escolar.

3. Jogos sexuais e observacionismo entre as crianças, comuns entre 3 a 6 anos: são uma atitude típica da ansiedade em conhecer as identidades sexuais do outro. Atitudes como espiar nos banheiros, espiar a cor da calcinha e da cueca, levantar as saias, brincar de médico, são expressões dessa curiosidade, normalmente manifestadas em grupos, às vezes, mistos.

O que fazemos?

» Castigamos os envolvidos, fazemos um discurso moral.

» Fazemos uma análise maliciosa e contamos piadinhas sobre o fato.

» Achamos que o mundo está perdido...

O que podemos fazer?

Sugestões:

» Encarar esses jogos como forma de satisfazer a curiosidade sexual, não existindo contraindicação para eles.

» Perceber esses jogos como uma maneira de afirmar a identidade e um teste de realidade. Isso porque também na questão da sexualidade são importantes os jogos e brincadeiras, pois, por meio deles, a criança estabelece relações com o mundo da imaginação e da fantasia, soltando-se de forma espontânea e livre para, aos poucos, ir descobrindo os papéis sociais e afetivos que irá assumir.

» Devem os/as educadores/as investigar se as crianças são da mesma idade para não haver o risco de coerção.

Fonte: Adaptado de Nunes e Silva (1997) e Augusto, Costa e Paladino (1991)

Antes de seguir para a seção seguinte realize a reflexão abaixo e no final do capítulo desenvolva as atividades de aprendizagem fazendo relação com a prática pedagógica. Vamos adiante?

A investigação criteriosa sobre as manifestações da sexualidade infantil só poderão ser compreendidas quando pusermos nosso olhar de pesquisadores nos dados de bastidores da realidade, nas causas estruturais que lhe emprestam sustentação e base, que se consubstanciam nos dados da história e na lenta e árdua construção social dos conceitos, instituições e práticas. (NUNES e SILVA, 1997, p.15).

Seção 2 – Adolescência e sexualidade

Objetivos de aprendizagem

» Identificar as manifestações de sexualidade na adolescência como subsídio a uma ação pedagógica emancipatória.

Entraremos, agora, no espaço que reservamos para falar dessa fase da vida tão polêmica que é a adolescência, como se convencionou chamar a faixa etária dos 12 aos 21 anos, mais ou menos, nos jovens de hoje. Lembre-se de que a nossa preocupação com essa etapa do desenvolvimento humano deve ser a sequência de um processo de educação sexual que se iniciou desde que a criança existe, e que, se a criança está sendo criada em um ambiente de educação sexual compreensiva, esse processo será facilitado.

Certamente todos/as temos fortes lembranças de nossa adolescência, nela incluído o período de puberdade. Além de contribuir para que nossos/as alunos/as vivam mais plenamente e de uma maneira positiva e saudável essa fase de grandes transformações biopsicossociais, o objetivo nesta seção é ajudá-lo/a a identificar as manifestações de sexualidade na adolescência como subsídio a uma ação pedagógica emancipatória.

Lembre-se de que, ao tratarmos do tema "sexualidade na adolescência", não podemos fazê-lo desvinculando a questão do entendimento mais amplo da dimensão humana de sexualidade como uma construção sócio-histórico-cultural, como bem coloca a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p.24). A referida Proposta registra, ainda, que "a adolescência não acontece de modo igual em todas as culturas e tampouco numa mesma cultura, até porque as manifestações que caracterizam esta e outras etapas da vida não são permanentes".

Se refletirmos sobre isso, veremos que cada momento histórico apresentou sua característica para esse "período", já que alguns desses momentos nem mesmo têm construída uma fase denominada adolescência, sendo também comum existirem diferenças sobre o que é ser adolescente em um mesmo período histórico e em uma mesma sociedade. Adolescência é, portanto, uma construção cultural que deve ser compreendida no âmbito do conjunto de mudanças biopsicossociais que ocorrem nessa fase.

Adolescência

Sou tão forte e tão imbatível!
Sinto-me estranho e fraco.
Posso mudar o mundo! Que saco,
prefiro dormir ou ver um vídeo.

Sinto-me leve, tão leve que posso voar,
Mas minhas pernas longas me fazem tropeçar,
Com meus braços grandes e minhas espinhas,
Masturbo-me no banheiro olhando as vizinhas.

Sou criança para meus pais e adulto pra minha turma.
Em casa: brinco, jogo bola, sou infante.
Fora: sou o Homem, macho dominante.

Olho o espelho e ainda não sei refletir quem sou...
Agonia que logo passará pois, descobrirei:
Nunca realmente saberei.

Fonte: ESDRAS, Paulo. Adolescer (POESIA). Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/adolescer-poesia>. Acesso em 15 de set. de 2011.

É interessante notar, conforme observa Cavalcanti (1988, p.10), que "há pouco mais de 300 anos, ninguém fazia a menor menção ao período de vida que hoje chamamos adolescência". Esse autor constata que a sociogênese

da adolescência é um fato relativamente recente, sendo esta uma invenção sociocultural iniciada no século XVIII. Em períodos anteriores a esse, o que ocorria era a passagem direta do indivíduo da etapa da infância para o mundo adulto. Lembra, também esse autor, que o conceito de adolescência é muito mais urbano, já que gestado no seio da Revolução Industrial.

Melo (2001) lembra que "adolescere", termo latino que significa crescer, transmudado em "adolescência", nominaliza, então, a partir da época do surgimento do conceito até hoje, a etapa de radicais mudanças da passagem de um ser-corpo-sexuado-criança para um ser-corpo-sexuado-adulto no mundo.

Tempo mágico, de profundas descobertas, da consciência expandida pelas infindas possibilidades aparentes. Como escreve Cecília Meireles, "a vida só é possível reinventada." E o adolescente crê na sua infinita possibilidade de reinventá-la. É tempo de indefinição, de reelaboração de seu universo existencial, das mais fantásticas mudanças corporais na chamada puberdade, da busca do autoconhecimento, de seus espaços interiores, como Ser encarnado no mundo, e dos espaços exteriores, junto aos Outros seres-corpos-sexuados no mundo.

A redescoberta de seu espaço como ser no mundo é o eixo principal do seu processo de desenvolvimento, nessa fase. Cavalcanti (1988, p.20) lembra que é nessa etapa da vida que o adolescente, "além de ser capaz de conceber o passado, projeta-se na sua preocupação do futuro".

Não é, portanto, a adolescência apenas uma determinada faixa etária com suas mudanças biológicas, já que idade e tempo são apenas pontos de referência, "uma espécie de pano de fundo onde o fato social ocorre". (CAVALCANTI, 1988, p.10). Atentando para a importância sociocultural dessa mesma fase de vida, alerta-nos, ainda o mesmo autor, que "é impossível compreender o adolescente sem considerar o back-ground cultural em que ele vive, da mesma forma que é impossível se entender a cultura sem se conhecer os indivíduos que a praticam." (CAVALCANTI, 1988, p.16).

O que é comum a todos os jovens, em todas as épocas, em todas as culturas, é o que denominamos "puberdade", que é a maturação no plano biológico; são as inevitáveis mudanças biológicas naturais pelas quais todos os seres humanos passam, quando glândulas específicas enviam mensagens a diferentes partes do corpo de que é a hora da mudança! O corpo começa, então, a ser "invadido" por novos hormônios, que vão desencadear grandes transformações na vida daquela criança.

Você se lembra...

(...) Quando você passou por essas transformações? Parece que foi ontem... O que você sentiu na época? Como você percebia seu corpo? Como foi tratado/a pelos adultos em sua família e na escola?

(...) Dos momentos em que a vida parecia maravilhosa e você sentia vontade de voar? "O mundo era meu, e nele eu reinava", diz um velho poema... E no momento seguinte, inexplicavelmente, você mergulhava em uma tristeza profunda, quando parecia que ninguém o/a compreendia, ou pior, "estavam fazendo de tudo para tornar sua vida insuportável"?

Ou...

(...) quando você começava a chorar, mesmo que aparentemente não houvesse razão para isso?

Seu corpo lhe parecia um estranho: crescia nos lugares mais inesperados e não crescia nos lugares em que você estava esperando!

Se você foi "uma menina", apareceu a primeira menstruação (menarca), seus seios se desenvolveram, suas formas se arredondaram, pelos surgiram em seu corpo nas axilas e na região pubiana. E talvez você tenha tido as famosas "espinhas".

Se você foi "um menino", também apareceram pelos em seu corpo: axilas, região pubiana, rosto, pernas, peito são os prováveis locais com essas mudanças. Espinhas, voz que muda e a primeira polução (ejaculação normalmente involuntária...).

Junto a tudo isso, os adultos de sua comunidade familiar e escolar tratando você com base no modelo de adolescente que é o hegemônico em seu universo cultural. Quanta complicação!

Um dos títulos de livros sobre adolescentes hoje pode nos dar pistas valiosas de como é visto, na maioria das vezes, o adolescente em grande parte na nossa cultura ocidental contemporânea: "Socorro, tenho um filho adolescente"! E o termo "aborrescente", muito usado em brincadeiras entre os pais/mães e filhos/as, lembra algo a você?

Ao encaramos dessa maneira a adolescência de nossos/as alunos/as, já estamos criando barreiras entre nós e eles/elas. Para criar um clima de educação sexual compreensiva na comunidade escolar é necessário e urgente buscar uma sólida informação biopsicossocial sobre essa fase da vida dos nossos jovens, aliada a um exercício permanente de paciência e compreensão. Como vimos, é realmente uma fase de mudanças que causa muitas tensões de todos os tipos, e que poderá tornar-se uma etapa muito dolorosa e complicada para os envolvidos se os adultos não procurarem mudar suas perspectivas em relação a ela.

A formação da identidade desses/dessas jovens e o desenvolvimento da sua autonomia são tarefas que devem ser trabalhadas e auxiliadas pela postura do adulto que se propõe a educá-los/as. O grau e a qualidade com que o/a adolescente consegue atingir essas as metas, a própria identidade e autonomia vai afetar a capacidade de vida saudável, inclusive na questão da saúde sexual.

A tarefa não é simples, é difícil, pois, embora os/as adolescentes devam passar por um processo de "desligamento" de suas famílias e dos outros adultos afetivamente importantes para eles/elas, precisam de uma educação compreensiva por parte desses mesmos adultos. E esse aparente paradoxo atrapalha em muito o processo, pois se os/as jovens encontram bloqueadas as vias de diálogo com os que os educam, poderão buscar apoio e informação em pessoas e meios não adequados a uma educação sexual compreensiva.

Também parece ser comum, hoje, que muitos/as educadores/as envolvidos com adolescentes achem, erroneamente, que eles estão "muito avançados" em relação à temática sexualidade, por ser um tema muito falado por eles e por toda a mídia, não precisando, portanto, essa juventude de mais orientação sobre o assunto. Estudos, porém, têm mostrado que os adolescentes não só querem essa orientação, como precisam dela, vinda de quem realmente se preocupa com eles visando a seu desenvolvimento pleno e saudável.

E como orientar, afinal, esses jovens dos dias de hoje?

Algumas reflexões sobre como vivem os /as jovens hoje precisam ser feitas para subsidiar nossas ações pedagógicas, pois temos que ter sempre em mente, como ponto de partida, o/a nosso/a aluno/a concreto/a.

Para tanto é preciso pensarmos como vive nosso jovem de hoje.Segundo Pocovi (1998), de uma maneira geral, atualmente, o jovem é alvo constante de palestras, livros, revistas, vídeos, internet etc. Para esse jovem, a mídia fala diariamente, elaboram-se programas de TV, criam-se propagandas que possam prender sua imaginação e aguçar sua cobiça, seus desejos. Enfim, infelizmente, a juventude também é mercadoria ao mesmo tempo em que é consumidora de mercadorias! Em nome do consumo, elaboram-se padrões de comportamentos, criam-se novos valores.

O jovem, porém, vive em constante conflito, pois, ao mesmo tempo em que no grande grupo social, prega-se o slogan do "liberô geral", que o induz ao consumo e à "libertinagem", essa mesma sociedade, por outro lado, condena-o, na prática, pelos seus excessos, reprimindo-o e deixando-o confuso. A sociedade de hoje parece prometer-lhe um mundo imaginário de pretensa liberdade, que tende a um individualismo egoísta, e ele, muitas vezes, não sabe como proceder, que direção tomar e sente-se sozinho se não tiver quem o oriente. Revolta-se e segue o caminho da maioria, o que nem sempre é o melhor, ou o que lhe convém.

Você já parou em algum momento para refletir sobre o porquê desse interesse em torno do jovem? E, principalmente, por que o jovem é facilmente dominado e iludido?

As respostas a essas perguntas e a muitas outras que nos preocupam no cotidiano podemos encontrar em Rousseau, por exemplo, pois ele se preocupava, já em 1762, com a educação integral e com o desenvolvimento do ser humano dentro da sociedade. Também abordou a sexualidade do jovem, apontando muitas de suas transformações e conflitos e, principalmente, mostrando a importância do educador /a como mediador/a perante esses conflitos.

Algumas reflexões são necessárias para esse mediador/a, que também pode ser você, que pretende realizar um bom trabalho.

Inicialmente você deve se perguntar se somente o jovem se transforma. Sabemos que não, pois somos seres humanos em permanente desenvolvimento, o que deve ser visto como algo positivo. Qual, porém, é o nosso comportamento diante dessas transformações? Essa pode ser a questão fundamental, pois será base da relação pedagógica entre vocês.

Como você já pode perceber, muitos autores/as, famílias e educadores/as chamam essa fase do desenvolvimento humano de "crise", mas, na verdade, é uma crise qualitativa e necessária para o desenvolvimento do ser; cabe cuidar de prepará-lo melhor desde a infância para que essa passagem ocorra sem tanta surpresa ou revolta.

Nesse momento da vida do/a jovem, é importante continuar a orientá-lo/a para o respeito ao ser humano e, principalmente, em relação ao amor-próprio. É fundamental que todo ser humano goste de si mesmo, pois, consequentemente, perceberá que é importante amar e respeitar também o outro.

Vejamos, a seguir, alguns fatos comuns na adolescência.

Adolescência

Nessa tumultuada fase, ocorre muita confusão a respeito de amor e sexo, toques e afeto. Já sabemos que a base do bem-estar emocional, do amor próprio, é o amor por si mesmo e o amor pelos outros. Na verdade, o contato físico é necessário à saúde, tanto emocional quanto física. É natural que, na pré-adolescência, os/as jovens realizem um rápido desenvolvimento social e a exploração de sua sexualidade também "acelere o passo". Sexualmente, os jovens e as jovens desse grupo etário continuam o processo de autodescoberta, que vem progredindo desde o nascimento. Provavelmente, também estará crescendo a intensidade da masturbação. Atos homossexuais, como a exploração do corpo ou dos órgãos genitais de um amigo ou amiga talvez sejam, agora, mais comuns do que antes. Isso nada nos diz de definitivo sobre a orientação sexual dos/das jovens. Lembre-se de que esses atos homossexuais da pré-adolescência não sugerem uma necessária conduta homossexual na idade adulta.

De uma maneira geral, para todos os jovens nessa fase, o corpo é um tema da maior relevância: pensa-se a si próprio a partir dos novos limites do seu corpo, baseado nos valores e atitudes herdadas culturalmente. E tudo isso acontecendo nem sempre em harmonia. É natural que o grupo de amigos assuma um lugar privilegiado na busca de identidade e autonomia, em detrimento do grupo familiar. Experimentar valores, normas e atitudes diferentes, partilhando essas experiências com seus iguais, são comportamentos essenciais para o/a adolescente.

As progressivas vivências dessas experimentações próprias da idade, se inseridas em um processo saudável de educação sexual compreensiva, segundo os Direitos Sexuais, vão consolidando a identidade sexual do/a jovem - que é a consistência de valores e sentimentos próprios como pessoa sexuada e diferenciada dos outros - na direção de uma vida mais feliz.

Lembre-se de que os/as adolescentes, agora, enfrentam vários tipos de fatores sociais e culturais que as gerações anteriores não conheceram, mas ainda têm que enfrentar as mesmas lutas que seus pais, mães e avós empreenderam para estabelecer suas emergentes identidades adultas. A aceitação desse desafio caracteriza um comportamento totalmente responsável de um/a jovem adulto/a em processo de amadurecimento.

Para Romero (1998, p.108), o grande fracasso da educação sexual tradicional escolar e familiar centra-se em não conseguir desenvolver processos de educação sexual que efetivamente promovam atitudes, valores e comportamentos relacionados com a vivência de uma sexualidade responsável. Ser responsável é algo que também se aprende. Será possível esse objetivo na medida em que se ofereça aos jovens espaços educativos que lhes permitam desenvolver alguns fatores: **conhecimento científico, autoestima elevada** e **habilidades sociais apropriadas** para vivenciá-los em seu processo de autoafirmação. Nada pode fazê-los responsáveis por sua vida sexual se estiverem sob o véu da ignorância e da desinformação e se não estruturaram valores e atitudes positivas em relação ao tema.

Ajudá-los/as nesse desafio de superar o velho modelo é também o seu desafio como educador/a.

Síntese do capítulo

Neste capítulo do Caderno Pedagógico você teve a oportunidade de estudar e refletir sobre:

- As manifestações da sexualidade infantil como subsídio a uma ação pedagógica emancipatória.
- As manifestações de sexualidade na adolescência como subsídio a uma ação pedagógica emancipatória.

Você pode anotar a síntese de seu processo de estudo nas linhas abaixo:

Atividades de aprendizagem

Chegou o momento de sistematizar seus conhecimentos! Leia atentamente as questões que seguem, para em seguida respondê-las. É importante que você as desenvolva a partir daquilo que você aprendeu nesse capítulo. Depois de responder todas as questões consulte os comentários sobre estas duas atividades, que estão disponíveis no final do caderno pedagógico.

1) Reflita sobre o seguinte texto:

> A investigação criteriosa sobre as manifestações da sexualidade infantil só poderão ser compreendidas quando pusermos nosso olhar de pesquisadores nos dados de bastidores da realidade, nas causas estruturais que lhe emprestam sustentação e base, que se consubstanciam nos dados da história e na lenta e árdua construção social dos conceitos, instituições e práticas. (NUNES e SILVA, 1997, p.15).

A partir de suas reflexões, registre, a seguir, manifestações da sexualidade infantil as quais você tenha presenciado ou tomado conhecimento por

relatos de outros adultos, registrando, também, como a situação foi trabalhada.

2) Revendo práticas e buscando mudanças...

Retome as manifestações que você lembrou e registre como você as trabalharia pedagogicamente, hoje, numa vertente de educação sexual compreensiva.

3) Sobre as atitudes em educação sexual...

ATIVIDADES DO EDUCADOR/A	IMPACTO NA APRENDIZAGEM
Mentir, enganar, disfarçar	» Aprendem que a sexualidade é um mal, que não é bom saber a verdade. » Aprendem a desconfiar dos adultos e a buscar outras fontes de informação. » Constroem um universo de tabu e mistério sobre a sexualidade. » A mentira pode gerar ressentimentos pela sensação de engano experimentada.
Castigar, distrair, reprimir...	» Aprendem a ter a dor e o temor de serem surpreendidos/as por terem condutas sexuais. » Aprendem que a sexualidade é um mal. » Estruturam sentimentos de culpa pelas emoções e comportamentos sexuais. » Adquirem um sentido malicioso da sexualidade. » Sentem medo associado ao que é sexual, gerando mecanismos de repressão a toda dimensão “sexualidade”.
Fugir do assunto, delegá-lo a outro, dissimular...	» Essas atitudes reforçam o sentido de mistério, malícia e tabu. » Os adolescentes aprendem a confiar mais em outras pessoas para se informarem acerca da sexualidade.

Silenciar.	» O silêncio ensina a não falar do tema. » Aprendem a desconfiar dos adultos em geral. » O silêncio sedimenta uma distância generalizada em relação à sexualidade.

A partir do quadro Atividades do educador/impacto na aprendizagem, observe sua prática pedagógica, buscando identificar, no seu fazer diário, situações de conflito ligadas ao velho modelo de educação sexual da sexualidade pré-adolescente e adolescente.
Registre-as a seguir, explicando como aconteceram.

4) A partir das leituras feitas sobre a adolescência e a sexualidade, sugira novas maneiras de agir em cada uma das situações registradas; de maneira que tais sugestões apontem para uma educação sexual compreensiva.

Aprenda mais...

Para aprofundar seus conhecimentos consulte as obras indicadas.

NUNES, C, e SILVA, E.. **Manifestações da sexualidade infantil**. Campinas: Século XXI, 1997.

SUPLICY, M.. **Papai, mamãe e eu**. São Paulo: FTD, 1990.

Acompanhado de lindas pranchas com desenhos.

HARRIS, Robie H. **Vamos falar sobre sexo**: amadurecimento, mudanças no corpo, sexo e saúde sexual.. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SUPLICY, Marta. **Sexo para Adolescentes**. São Paulo: FTD, 1998.

STOPPARD, Miriam. **Sexo**: um guia para adolescentes. São Paulo: Marco Zero, 1997.

Procure também na midiateca sugestões de leituras sobre educação sexual na infância e na adolescência e amplie seus conhecimentos e os conteúdos tratados neste capítulo e nos demais.

Considerações finais

Estamos terminando este Caderno, mas não certamente nossa caminhada, já que sexualidade é vida, e a vida continua!

Fazemos nossas as palavras de Vasconcelos (1985) e as dedicamos a você, como homenagem por seu esforço e dedicação durante o maravilhoso processo de aprender a desaprender, sempre reaprendendo...

> Fizemos um pedaço de caminhos juntos. Falamos sobre a paisagem sexual ao nosso redor, observamos que ela não é uniforme, tem variados aspectos e continua para além do horizonte. Ainda há muito a percorrer, mas a gente se separa aqui. Para se encontrar, talvez, mais longe.
>
> Conversar deve levar sempre a um momento de silêncio, para dar às palavras tempo de se organizarem dentro de nós, para analisarmos sua verdade ou seu engano. Sobretudo uma conversa sobre sexo. Ela pede tempo. O sexo não é assunto a ser resolvido de uma vez. Não é um negócio de ocasião. É uma constante descoberta, que tem seus momentos de exaltação e seus momentos de calma reflexão.
>
> Sexo é descoberta, não é decoreba. Por isso, você não encontrou aqui nenhuma "receita" pronta. Falando em "receita", há quem as peça, por exemplo, para "evitar uma gonorreia ou para curar-se dela"...
>
> Francamente, isso é não sair da situação de "inquilino sexual": "Minha casa tem baratas, qual o produto para ser usado"? Limpe a casa e verá que não terá mais esses insetos. Ou, então, mude-se de casa: para uma "casa própria", construída por Você mesmo.
>
> Sexo é corpo, não é uma parte do corpo. Os órgãos genitais são partes, não são as tonalidades do sexo. O prazer do sexo não é apenas o orgasmo, é a vibração de todo o seu corpo. O corpo não se separa do psíquico (ou do espírito): "o corpo é nossa presença no mundo".
>
> Não existem comportamentos sexuais certos ou errados: existem comportamentos sexuais que constroem ou que destroem.
>
> A verdade sexual é sua verdade mais a verdade do/a outro/a. Nem toda verdade é boa de admitir. Muitas vezes, nossa verdade mostra nossos defeitos, mas também o caminho para superá-los.
>
> Existe um direito à diferença em geral, que é um direito humano. Mas, frequentemente a diferença sexual se torna um dever, e isso é repressão.
>
> Falando em direitos: "fazer sexo" é seu direito, só que ninguém tem o dever de satisfazê-lo nesse direito.

> Direito de um/a = direito do/a outro/a.
>
> Amor livre, liberação sexual é reconhecer no/a outro/a seu/sua igual.
>
> É romper com todo o passado de opressão de um sexo pelo outro. Amor livre é o contrário de amor escravo. Amor escravo é prostituição, pornografia e moralismo.
>
> Moralismo não é ter moral. Ter moral é respeitar a si mesmo e o/a outro/a. Moralismo é pregar rótulos para melhor manipular as pessoas, como se fossem objetos.
>
> Na verdade, mesmo os objetos merecem respeito. Tudo aquilo em que pomos as mãos, olhamos, contamos, trará marca que lhe pusermos. Tomara que só haja marcas de amor nos seres que tocarmos. Tocar é muito delicado. (VASCONCELOS, 1985, p. 61 e 62).

Esperamos que, após essa jornada juntos/as, você tenha sempre o prazer de morar “em sua casa própria”, construída por você mesmo/a.

E que essa jornada tenha “tocado” você para sempre no que se refere à importância de uma reflexão crítica permanente sobre educação e sexualidade como subsídio a sua prática pedagógica.

Assim haverá uma imensa possibilidade de que somente haja marcas de amor nos seres que Você “tocar”, em sua caminhada pela vida.

É o que lhe desejamos, é a nossa UTOPIA.

Um abraço,

Equipe EDUSEX

O QUE É UTOPIA?

A utopia nasce do sentimento e da idéia do possível. O possível é o que jamais foi feito e, no entanto, poderia ser feito, é possibilidade e não probabilidade. É o que não possui a menor garantia prévia de que acontecerá, é procura de caminho, de saber de antemão se há caminho e, se houver, se será possível encontrá-lo, e se encontrado, se poderá ser percorrido, e se percorrido, onde nos levará.

Essa falta absoluta de garantia é a utopia. Sua marca é o possível, e não o impossível. Quem sabe, hoje, se os que desejam o possível e não querem que seja uma causa pela qual se deva morrer, mas pela qual vale a pena viver, possam reencontrar o caminho, reabrir a passagem do sonho. (CHAUÍ, 1991, p.230).

Conhecendo as professoras

Sonia Maria Martins de Melo

Possui graduação em Pedagogia Habilitação Orientação Educacional pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1978), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1991) e Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001). Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua nos Centros de Ciências Humanas e da Educação (FAED) e no Centro de Educação a distância (CEAD), na graduação e pós-graduação (PPGE-Educação-FAED-UDESC), principalmente nos seguintes temas: educação sexual, sexualidade, educação, formação de educadores e formação de professores, desenvolvimento de novos materiais pedagógicos e novas metodologias com o uso das TICs. Atualmente responde também pela Direção de Pesquisa e Pós Graduação do Centro de Educação a distância da UDESC..

Vera Márcia Marques Santos

Possui graduação em Pedagogia, habilitação Orientação Educacional (1994), Especialização em Educação Sexual (1997) e Mestrado em Educação e Cultura (2002), ambos pela Universidade do Estado de Santa Catarina -UDESC. Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio do Sinos - UNISINOS (PPG conceito seis CAPES), com intercâmbio na Universidade de Lisboa - Portugal, sob a orientação das Professoras Dra Mari Margarete Forster (Brasil) e Dra Isabel Chagas (Portugal). Professora efetiva no CEAD/UDESC. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Sexualidade Humana, atuando principalmente na formação de professores, com os temas: Educação Sexual, Sexualidade Humana, Violência Sexual contra crianças e adolescentes e Educação de Jovens e Adultos.

Gabriela Maria Dutra de Carvalho

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará(1972), especialização em Análise Semântica pela PUC-São Paulo(1976); mestrado em Educação, Comunicação e Tecnologia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2009). Atualmente é professora da Universidade Estadual de Santa Catarina. Professora efetiva no CEAD/UDESC. Tem experiência na área de Educação Sexual e Língua Portuguesa , Educação e Tecnologia com ênfase nos seguintes temas: formação continuada, formação de professores e adolescentes, educação sexual, extensão universitária, análise e produção de texto.

Patrícia de Oliveira e Silva Pereira Mendes

Possui graduação em Curso Formação Psicólogo pela Universidade do Vale do Itajaí (1995), Graduação em Curso Bacharel e Licenciatura em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (1995) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Sexualidade, atuando principalmente nos seguintes temas: educação sexual, educação sexual emancipatória, extensão universitária, sexualidade e formação de educadores.

Comentários das atividades

Capítulo 1

1. Dentre as alternativas abaixo, marque com um V a asserção verdadeira e com um F a asserção falsa Em seguida, nas linhas subsequentes, comente aquelas que julgar verdadeira, com base nos conhecimentos adquiridos neste capítulo de estudo.

   Se você marcou Verdadeira para as questões 1, 2 e 4, e Falsa para a 3, entendeu muito bem a diferença fundamental entre "sexo" e "sexualidade". Se suas opções divergem desse critério, retome o texto para rever a conceituação.

2. Visões de sexualidade e prática pedagógica.

   Registre alguns dos reflexos das duas visões de mundo anteriores (aquela representada pelas afirmações 1, 2 e 4 e a representada pela afirmação 3) na sua prática pedagógica.

Capitulo 2

1. Esta questão se refere ao estudo da seção 2. Nessa, vamos procurar desvendar um pouco o paradigma de educação sexual existente no cotidiano escolar no qual você está inserido. A partir dos indicadores trabalhados nesta seção, observe atentamente sua comunidade escolar, sua sala de aula etc., em relação à questão da educação e sexualidade. Que análise você faz sobre qual parece ser, no momento, a realidade em sua escola em relação à educação sexual?

a. Destaque, nessa realidade, como está sendo tratada, de maneira geral, a questão da educação sexual. Registre suas constatações.

Comentário

Com a leitura do capítulo 2 e refletindo sobre a realidade da sua escola, ou de outro espaço educativo onde você esteve ou está envolvido faça esse exercício de reflexão tão necessário a todos nós em todos os momentos na busca de formação, incluída nessa reflexão a educação sexual e seus paradigmas.

b. Compare suas constatações com os indicadores de um paradigma emancipatório de educação sexual da seção 2. Registre seu comentário comparativo.

Comentário

Com base na resposta da questão anterior e com as leituras realizadas nesse Caderno Didático, faça o comparativo proposto, registrando os indicadores de um paradigma emancipatório.

c. Registre sua conclusão - sempre provisória - sobre qual paradigma/s da educação sexual parece estar subjacente em seu cotidiano escolar.

Comentário

Você estudou que a educação sexual sempre acontece em espaços educativos formais ou não formais, e segue sempre um modelo/paradigma que reflete o espaço e o momento social vivenciado. Vale lembrar que nem sempre esse modelo adotado reflete a perspectiva de um paradigma emancipatório.

Reflita: no seu entendimento, essas afirmações são contraditórias entre si?

2. Atividades a e b se referem à seção 1, deste capítulo

"A investigação criteriosa sobre as manifestações da sexualidade infantil só poderão ser compreendidas quando pusermos nosso olhar de pesquisadores nos dados de bastidores da realidade, nas causas estruturais que lhe emprestam sustentação e base, que se consubstanciam nos dados da história e na lenta e árdua construção social dos conceitos, instituições e práticas. (NUNES e SILVA, 1997, p.15).

a) A partir de suas reflexões, registre, a seguir, manifestações da sexualidade infantil as quais você tenha presenciado ou tomado conhecimento por relatos de outros adultos, registrando, também, como a situação foi trabalhada.

b) Revendo práticas e buscando mudanças... Retome as manifestações que você lembrou e registre como você as trabalharia pedagogicamente, hoje, numa vertente de educação sexual compreensiva.

Comentário

Se você se esforçou para apresentar sugestões que, no mínimo, apontem para um repensar do atual modelo de educação sexual repressivo em relação às nossas crianças, parabéns. É muito importante que todos que educam crianças procurem entender, cada vez mais, que não é possível

abordar a sexualidade delas apenas com as boas intenções do cotidiano, mas, sim, com uma reflexão crítica, com sólido embasamento científico sobre ela. A atitude permanente de questionar a própria prática, às vezes, até duramente, não é uma atitude pessimista ou derrotista! Ao contrário, é um convite a uma saudável mudança, num pacto de aliança e respeito conosco mesmo e com os outros.

Capitulo 3

1. A partir do quadro da atividade 2, observe sua prática pedagógica, buscando identificar, no seu fazer diário, situações de conflito ligadas ao velho modelo de educação sexual da sexualidade pré-adolescente e adolescente.
   Registre-as a seguir, explicando como aconteceram.

Comentário

Você deverá identificar situações de conflitos envolvendo as situações descritas no quadro acima e que refletem um velho modelo de educação sexual de pré-adolescentes e adolescentes. Você poderá recorrer as suas memórias.

2. A partir das leituras feitas sobre a adolescência e a sexualidade, sugira novas maneiras de agir em cada uma das situações registradas; de maneira que tais sugestões apontem para uma educação sexual compreensiva.

Comentário

Com base nas leituras realizadas e a partir do quadro que expressa situações de deseducação sexual, elabore situações que apontem para uma educação sexual compreensiva, contrariando o silenciar, o mentir, o castigar, reprimir, dissimular etc.

Referências

AUGUSTO, M. G., COSTA, M. PALADINO, S.M. **As crianças querem saber...e agora?** Orientação para pais e profissionais sobre a sexualidade infantil (3 a 8 anos). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

AZIBEIRO, N. E. Movimentos sociais, paradigma da complexidade e intercultura: algumas considerações para discussão em sala de aula. In: **Cadernos do NEPP**. n.1 maio de 2001, Florianópolis:NEPP, 2001.

BARROSO, C., BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude**. São Paulo: Cortez, 1983.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERNARDI, M. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985.

BLESSA, C.R.B. et al. **Fala, educadora! Educador!** São Paulo: Organon, sd.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CABRAL, Juçara Teresinha. **A sexualidade no Mundo Ocidental**. Campinas SP: Papirus, 1995.

CAVALCANTI, R. C. Adolescência . In: VITIELLO , N. et al **Adolescência hoje**. São Paulo: Roca, 1988.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FERRER, F. **Como educar la sexualidad en la escuela.** Barcelona: CEAC, 1992.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000

GONÇALVES, M. A S. **Sentir, pensar, agir**. Corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1997.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

HARRIS, R. **Vamos falar sobre sexo**: amadurecimento, mudanças no corpo, sexo e saúde sexual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LÓPEZ, F., FUERTES,A. **Para entender a sexualidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

______. (Org.) **O corpo educado.** Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 6. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1975.

MEIRELES, C. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1979.

MELO, S.M.M. **Conceito de Educação Sexual**. Florianópolis: CEAD/UDESC. Apostila de aula, 2011.

______. **Corpos no espelho**. A percepção da corporeidade em professoras. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2001.

______. A construção da dicotomia corpo-mente. In: **Corpos no espelho**. A percepção da corporeidade em professoras. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2001.p. 37-51

______. **Para começo de conversa**. Apostila organizada para a disciplina Introdução à Educação Sexual - Curso de Pedagogia/ FAED/UDESC (1999).

NUNES, C.A . **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papirus, 1987.

______. **Filosofia, sexualidade e educação**. As relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. 1996. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas. 1996.

______. **Desvendando a sexualidade**. 2 ed.revista e aumentada. Campinas: Papirus, 1997.

______.SILVA, E. **As manifestações da sexualidade da criança**. Campinas: Século XXI, 1997.

POCOVI, R. **A universidade frente a AIDS**: um estudo de caso da Universidade do Estado de Santa Catarina. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). UNISUL. Tubarão, 2000.

______.Contribuições de Rousseau para a educação sexual do adolescente às vésperas do Terceiro Milênio. In: **Poiesis**. Revista Científica em Educação. vol 1, n. 1 (jan-jun). Tubarão: Editora UNISUL, 1999, p.21-29.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. Educação Infantil. Ensino Fundamental e Médio. Temas Multidisciplinares. Florianópolis: SED/ COGEN, 1998.

RIBEIRO, P. M. **Educação sexual**: além da informação. São Paulo: EPU, 1990.

ROMERO, L. **Elementos de Sexualidad y Educación Sexual**. Colombia: CAC,1998.

STOPPARD, M. **Sexo: um guia para adolescentes**. São Paulo: Marco Zero, 1997.

SUPLICY, M. **Conversando sobre Sexo**. 7ª ed. São Paulo: EDIÇÃO DA AUTORA. Distribuição Ed. Vozes, 1983.

_________. **Sexo para adolescentes**. São Paulo: FTD, 1998.

_________. **Papai, mamãe e eu**. São Paulo: FTD, 1990.

VASCONCELOS, N. **Os dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

______. **Amor e sexo na adolescência**. São Paulo: Moderna, 1985

VITIELLO, N. et al. **Adolescência Hoje**. São Paulo: Roca, 1988.

VAZ, J. M.(coord.) **Educação sexual na escola**. Lisboa: Universidade Aberta, 1996.

WAS. World Association Sexology. **Declaração dos Direitos Sexuais como Direitos Sexuais.** Hong-Kong: WAS, 1999.

WEBERE, M. J. G. **Sexualidade, Política e Educação.** Campinas SP: Autores associados, 1998.

Referências de figuras

Figura 1.1 - Pág. 21
Cozinheira.
Fonte: Disponível em: <http://rickmobbs.files.wordpress.com/2008/06/soup-kitchen-witch.jpg>. Acesso em: .

Quadro 1.1/1 - Pág. 25
Construção histórico-cultural da sexualidade
Fonte: Disponível em: < http://www.puzzlespieleonline.de/ >. Acesso em:

Quadro 1.1/2 - Pág. 25
Construção histórico-cultural da sexualidade
Fonte: Disponível em: < Fonte:http://4.bp.blogspot.com/_OeHJlo90hz8/S7d7L-AXPsI/AAAAAAAAAAc/RJkaR1BIY9s/s1600/MesopotamiaArt2.jpg > Acesso em:

Quadro 1.1/3 - Pág. 25
Construção histórico-cultural da sexualidade
Fonte: Mapa disponível em: < http://2.bp.blogspot.com/_Ofc9v-JoG0ns/TA_-aC5ErpI/AAAAAAAAC8w/rCMHQQLEUU8/s320/1.jpg > . Acesso em:

Quadro 1.1/4 - Pág. 25
Construção histórico-cultural da sexualidade
Fonte: Disponível em: < http://www.biblioteca-tercer-milenio.com/Mis_Imagenes/LosClasicos/1580-1666-FransHalls/Retrato-de-boda-de-Isaac-Ma.jpg > Acesso em:

Quadro 1.1/5 - Pág. 25
Construção histórico-cultural da sexualidade
Fonte: Disponível em: < http://2.bp.blogspot.com/___gS_XRekuY0/R50bCt6wI3I/AAAAAAAAAC4/1Rsb6saiMrc/S570/arte+midia.jpg > Acesso em:
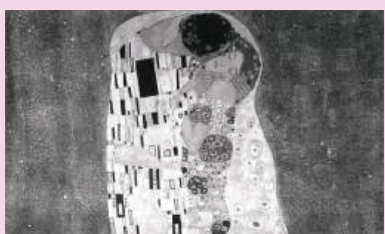
Figura 1.2 - Pág. 30
O Beijo.
Fonte: Disponível em: < http://2.bp.blogspot.com/-M2-RUyAgPTk/TaUPoaQ9aZI/AAAAAAAAASI/sxBnxhtOQBE/s1600/beijo-klimt.jpg > Acesso em:

Figura 2.1 - Pág. 42
Reprodução Humana.
Fonte: Disponível em: < http://how-to-know.info/wp-content/uploads/2011/08/how-to-know-low-sperm-count-1.jpg > Acesso em:

Figura 2.2 - Pág. 43
Família Tradicional.
Fonte: Disponível em: < http://www.mermaidsofthelake.com/news.asp?id=589 > Acesso em:
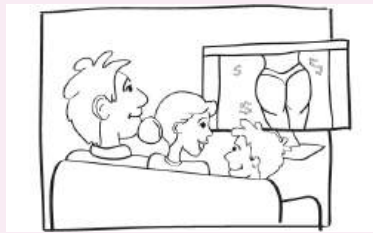
Figura 2.3 - Pág. 44
Banalização do sexo
Ilustração de Filipi Amorim

Figura 3.1 - Pág. 85
Infancia.
Fonte: Disponível em: < http://compostura.files.wordpress.com/2010/01/criancas-brincando-grande3-e1263917452132.jpg?w=480&h=253 > Acesso em:

Figura 3.2 - Pág. 88
O que é sexo.
Fonte: Disponível em: < http://www.sxc.hu/photo/1159639 >
Acesso em:
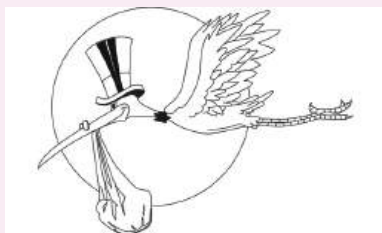
Figura 3.3 - Pág. 89
Mito da Cegonha.
Fonte: Disponível em: <> Acesso em: